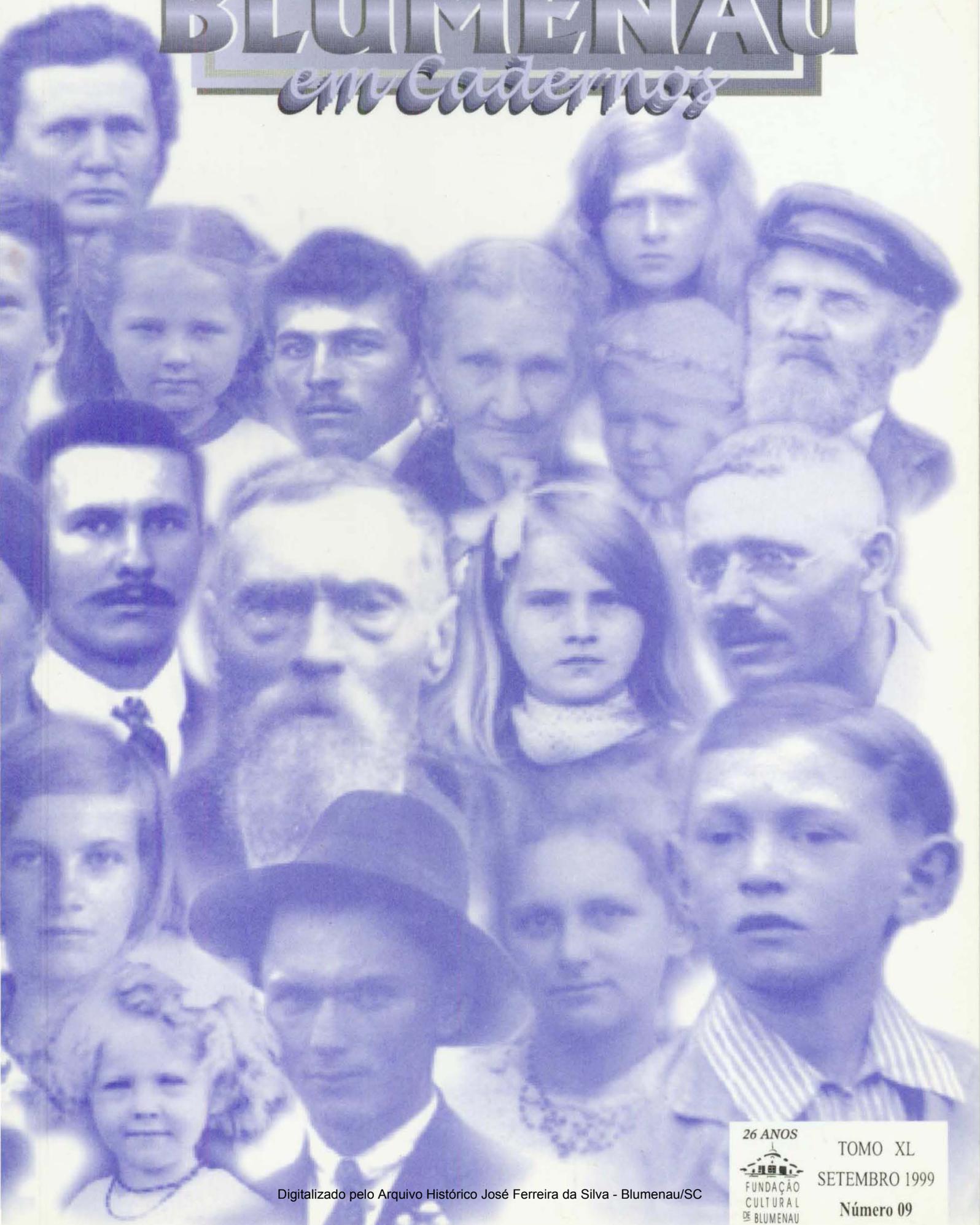


BLUMENAU

em Cadernos



26 ANOS

FUNDAÇÃO
CULTURAL
DE BLUMENAU

TOMO XL
SETEMBRO 1999
Número 09

BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente

Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira

Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica

Sueli Maria Vanzuita Petry



Revista “BLUMENAU EM CADERNOS”,
fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública “Dr. Fritz Müller”

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

ISSN 0006-5218

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

COPYRIGHT © 1999 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA “BLUMENAU EM CADERNOS”

ENDEREÇO

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425

CEP.: 89015-010 - Blumenau – SC

Fone/fax: (047) 326-6990

E-Mail: *funculbl@zaz.com.br*

CAPA

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga

Acervo: Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”

Rostos de imigrantes e descendentes, não-identificados, reproduzidos de negativos em vidro, encontrados num sótão de uma antiga residência de Blumenau

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,

Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

DIGITAÇÃO

Ellen Annuseck

DIAGRAMAÇÃO/EDITORIAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.

Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600

Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO

Editora Cultura em Movimento

Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

SUMÁRIO

O Percurso e a luta de minha vida. <i>Carl Friedrich Wilhelm Butzke</i>	07
Etnografia do Loteamento Dona Edite: o lembrado e o observado <i>Dione Lorena Tinti</i>	16
Fragmentos de Nossa História Local	33
O fantasma da “Barra Morta” – última parte <i>José Deeke</i>	41
Notas à margem da História <i>Waldir J. Wandall</i>	56
Equações do Vale <i>Theobaldo Costa Jamundá</i>	59
Autores Catarinenses <i>Enéas Athanázio</i>	62

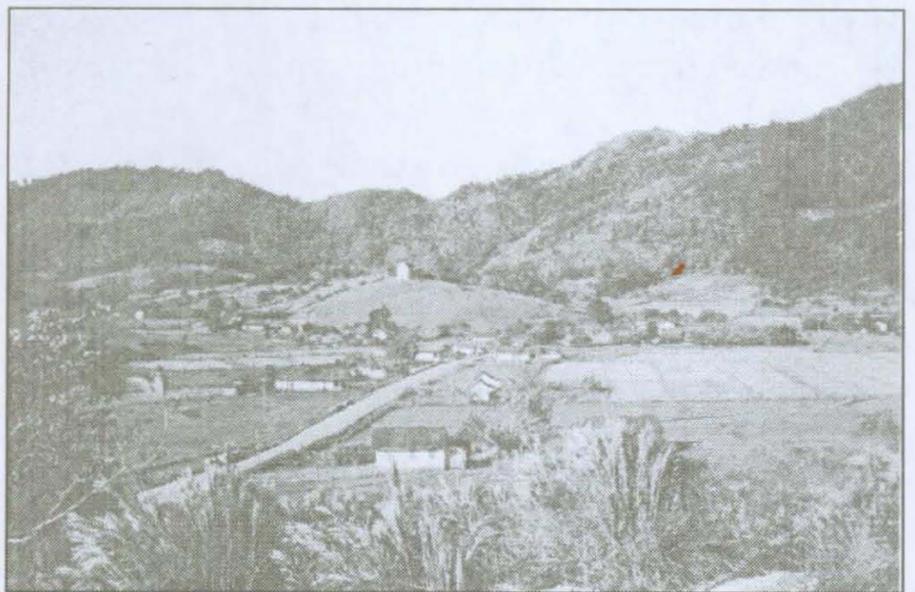
**Documentos
Originais**
Livros

**O Percurso e
a luta de
minha vida –
Carl Friedrich
Wilhelm Butzke**

*O texto que publicamos nesta edição foi extraído da obra *Unsere Väter (Nossos Pais)* de São Leopoldo – RS, no ano de 1961, em comemoração ao cinquentenário do Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná.*

“A história que se escreve de maneira consciente e inconsciente está marcada pela época em que se vive”. O autor Carl Friedrich Wilhelm Butzke, no momento que escreveu as suas lembranças vivenciadas na juventude e a posterior transferência para o Brasil no século passado contava com a avançada idade de 97 anos.

A lucidez e o detalhamento das informações contidas nestas memórias permitem a compreensão do percurso e o tempo vivido pelo personagem, que se insere no contexto das histórias coletivas dos imigrantes.



Uma colônia na região de Rio dos Cedros.



Tradução: Pastor Harald Roepke.

* *Unsere Vater – Nossos Pais – São Leopoldo – 1961.*

Mein Lebenslauf und Lebenskampf

Carl Friedrich Wilhelm Butzke

Ich, Carl Friedrich Wilhelm Butzke, habe Quartier bei meinem Sohn Franz Butzke, Cedro linkes Ufer. Mein Verstand ist noch klar. Heute im September 1940 zähle ich 97 Jahre und 5 Monate. Meine Arme und Beine sind schon klapprig, auf dem Brustkasten fühle ich mich noch gesund, mir schmeckt die Speise noch gut.

1. – In Deutschland

Meine lieben Eltern waren Tagelöhner in Wusterbarth unter dem Gutspächter Villnow. Ich wurde geboren in Wusterbarth, Kreis Belgard, Pommern am 20. April 1843. Ich habe vom 6 bis 14. Lebensjahr die Schule besucht, mein Lehrer war Lehrer Jahn. Pastor Tischler hat mich konfirmiert. Vom 17. bis zum 20. Lebensjahr habe ich als Grossknecht bei vier Pferden gedient. Mit 20 Jahren habe ich mich zur Militärmusterung gestellt. Ich wurde für gesund und brauchbar erklärt, und kam als Infanterist in das 6. Pommersche Infanterieregiment nr. 49, 2. Pommer-sches Armeekorps. Am 1. September 1863 musste ich mich in Schivelbein stellen. Pommersch Stargard wurde meine Garnison. Da wurde ich gedrillt und ausgebildet.

In Russland war grosse Revolution, die Polen wollten sich freimachen von Russland. In Westpreussen gab es auch viele Polen, die rotteten, sich zusammen und wollten den Polen in Russland Hilfe bringen. Fürst Bismarck gab Befehl, kommandierte das 2. Pommersche Armeekorps und liess die ganze Grenze nach Russland besetzen. Da konnte kein Pole Mehr über die Grenze. Polen wurde dadurch geschlagen. Im Dezember 1864 war wieder Frieden. Die Polen mussten sich fügen und blieben bei Russland. Da sich unser Regiment tapfer gezeigt hatte, so erhielt das Regiment die Garnison Gnesen an der Grenze Russland Westpreussen.

1865 war grosses Manöver in der Gegend Bromberg bis Nakel. Kommandeur war der beliebte Kronprinz Friedrich. 1866 hatten Preussen und Österreich Krieg. Die ganze preussische Armee wurde mobil gemacht. In Eilmärschen ging es über die Grenze in Feindesland. Die Preussen schlugen sich tapfer. Sieg auf Sieg wurde geschlagen, die Österreicher mussten weichen. Es kam zur Entscheidungsschlacht am 3. Juli bei

O Percurso e a Luta da minha vida
Carl Friedrich Wilhelm Butzke

Eu, Carl Friedrich Wilhelm Butzke estou em casa do meu filho Franz, em Cedro, na margem esquerda. Minha memória ainda é lúcida. Hoje, em setembro do ano de 1940, conto com 97 anos e 5 meses. Meus braços e as pernas já estão fracas. O que toca ao peito ainda estou me sentindo bem, a comida me apetece.

1. - Na Alemanha

Meus amados pais eram trabalhadores rurais em Wusterbarth sob as ordens do arrendador Villnow. Eu nasci em Wusterbarth, comarca de Belgard, Pomerânia, em 20 de abril de 1843. De 6 a 14 anos freqüentei a escola, meu mestre era o professor Jahn. Fui confirmado pelo Pastor Tischler. De 17 a 20 anos trabalhei como criado-mor com quatro cavalos. Com 20 anos me apresentei para a inspeção militar. Fui aprovado, considerado apto e saudável, incorporado como infantarista ao 6.º Regimento de Infantaria da Pomerânia n.º 49, 2.º exército pomerano. Em 1.º de setembro de 1863 tive que apresentar-me em Schivelbein. Em Pommersch Stargard ficava o meu quartel. Aí fui adestrado e instruído no serviço militar.

Na Rússia houve grande revolução, os poloneses pretendiam separar-se da Rússia. Na Prússia ocidental havia muitos poloneses que se juntaram para socorrer os poloneses da Rússia. O príncipe Bismarck deu ordem, comandou o 2.º exército pomerano e mandou fechar toda a fronteira com a Rússia. Nenhum polonês podia atravessar mais a fronteira. Por isso a Polônia perdeu a revolução. Em dezembro de 1864 novamente houve paz. Os poloneses tiveram que sujeitar-se e ficar com a Rússia. Como o nosso regimento mostrou-se valente, recebeu o quartel Gnesen na fronteira da Prússia ocidental com a Rússia.

Em 1865 houve uma grande manobra na região de Bromberg até Nakel. O comandante era o estimado príncipe herdeiro Friedrich. Em 1866 houve guerra entre a Prússia e a Áustria. Todo o exército da Prússia foi mobilizado. Em marchas forçadas entramos em terra inimiga. Os prussianos lutaram com valentia. Vitória após vitória foi conquistada. Os austríacos tiveram que ceder. A batalha decisiva travou-se em Königgrätz no dia 3

Königgrätz. Gegen Mittag stand die Schlacht auf der Kippe, doch siegten die Preussen. In der Schlacht fiel unser Oberst von Wietersheim. In Eilmärschen wurde dem Feinde nachmarschiert. Bald standen die Preussen 3 Meilen vor der Hauptstadt Wien. Da machte der Kaiser von Österreich mit Preussen Frieden. In der Stadt Nikolsburg wurde der Frieden unterzeichnet. Nun brach plötzlich die Pest aus, tausende sind an der Pest gestorben. Nun marschierten die Preussen in ihre Heimat-Garnisonen.

Ich hatte nun 3 Jahre gedient, musste aber wegen des Krieges noch vier Monate länger dienen. So habe ich 3 Jahre und 4 Monate aktiv gedient. Bestraft bin ich während meiner Dienstzeit nicht, ich habe mich gut geführt. Am 22. Dezember 1866 wurde ich entlassen. Am 23. Dezember bin ich in der Nacht um 3 Uhr in meinem Heimatsort Wusterbarth eingetroffen. Die Freude meiner lieben Eltern war gross. Gutspächter Villnow hat mich gleich als Kutscher gemietet. Ich habe so lange die Kutsche gefahren, bis ich ausgewandert bin.

2. – In Brasilien

Es waren aus unserem Dorf schon Bekannte in Blumenau. Die hatten geschrieben, dass man hier in Blumenau 100 Morgen Urwaldland für biliges Geld erhalten könnte. Das Schreiben hat mich gelockt. Am 6. April habe ich mit noch 6 Familien Deutschland verlassen. Es war im Jahre 1869. Meine erste Ehe habe ich geschlossen den 15. November 1867 mit Friederike geborene Kannenberg in der Kirche in Wusterbarth. Pastor Tischler hat uns getraut. In Hamburg wurden wir auf ein Segelschiff geladen. Das Schiff hies Humboldt, der Kapitän hiess Plump. Im Monat Juni sind wir in dem Hafen früher Barra genannt, eingetroffen. Per Canoa wurden wir ans Land geschafft. Von Blumenau bis Indaial wurden unsere Sachen per Wagen gefahren. In Indaial wurde mir gesagt, dass in Cedro gutes Land wäre. Dietlein Krambeck hat meine Reisekisten per Canoa bis zur Kolonie gefahren. Ich wählte mir Nr. 20. Da habe ich mir ein Palmitenhaus gebaut. Da war ich 3 Jahre wohnhaft. Mir hat die Kolonie nicht gefallen, da hat die Kolonie nr. 17 noch frei gelegen, wo ich heute noch wohnhaft bin.

Ich habe in Deutschland Strapazen kennengelernt und durchgemacht. Dieser Anfang im Urwald hat mir und allen Kolonisten am schwersten gefallen. Die Lebensmittel waren knapp, der Magen hat oft

de julho. Pelo meio-dia a batalha estava indecisa, mas enfim os prussianos venceram. Na batalha tombou o nosso coronel von Wietersheim. Em marchas forçadas o inimigo foi perseguido e em breve os prussianos estavam a 3 milhas de Viena. Aí o Imperador da Áustria fez as pazes com a Prússia. Na cidade de Nikolsburg foi assinado o tratado. Repentinamente irrompeu a peste e milhares morreram. Então os prussianos voltaram às suas guarnições pátrias.

Eu tinha servido 3 anos, tive que ficar, porém, por causa da guerra mais quatro meses. Assim, ao todo servi ativamente 3 anos e 4 meses. Durante o meu tempo não recebi castigo, meu comportamento era bom. Em 22 de dezembro de 1866 dei baixa. Em 23 de dezembro, às 3 horas da madrugada, cheguei na minha aldeia natal, Wusterbarth. A alegria dos meus amados pais foi grande. O arrendador Villnow logo me deu serviço como cocheiro. Conduzi a carruagem até que emigrei.

2. - No Brasil.

Da nossa aldeia já havia conhecidos em Blumenau. Eles tinham escrito que aqui por pouco dinheiro se conseguia 100 “morgen” de terra com mata virgem. Estas cartas me atraíram. No dia 6 de abril, com mais 6 famílias, deixei a Alemanha. Era no ano de 1869. Meu primeiro matrimônio eu tinha contraído com Friederike Kannenberg no dia 15 de novembro de 1867, na igreja de Wusterbarth. O Pastor Tischler nos deu a bênção. Em Hamburgo fomos embarcados num veleiro. O nome do navio era Humboldt e o nome do capitão era Plump. No mês de junho chegamos ao porto brasileiro que antigamente se chamava Barra (Itajaí). Por meio de canoa fomos levados à terra. De Blumenau até Indaial a nossa mudança foi levada por carroça. Em Indaial fui informado que em Cedro havia terra boa. Dielein Krambeck levou o meu baú até a colônia. Escolhi o n.º 20. Aí edifiquei um rancho com palmitos, aonde morei três anos. Não me agradei do lote, e como o n.º 17 ainda estava desocupado, mudei para lá e hoje ainda estou nele.

Na Alemanha passei por fadigas e penas. Este começo na mata, porém, para mim e para os outros colonos foi o mais penoso. Os víveres eram escassos, muitas vezes passamos fome. Também tivemos que estar dia e noite alertas. Os bugres selvagens nos circundavam. Também o tigre nos

geknurrt. Auch mussten wir Tag und Nacht auf der Hut sein. Die wilden Buger umschwärmten uns. Aucht hat uns der Tiger besucht, der hat in der ganzen Kolonie viel Schaden angerichtet. Mir hat der Tiger des Nachts, als starker Regen war, ein dreijähriges Rind geschlagen und ihm die Halssehne durchgebissen. Auch hat er mir 2 gute Hunde fortgeschnappt.

Es waren schon schulpflichtige Kinder da. Johann Lemke hielt Versammlung. Wir wurden einig. Ich, Ferdinand Zumach und Carl Jahnke wurden als Vorstand gewählt. Wir haben turmweise gearbeitet. Wie das Holz fertig war, da hat der Zimmermann Lahsan das Holz verbunden. Da wurde die Schule aufgerichtet. Die Schulbänke machten Julius Vogel und Carl Bewiahn. Der erste Lehrer war Julius Scheidemantel. Der hat in der Schule viele Jahre gelehrt. Er war ein gerechter und ehrlicher Lehrer. Er ruht in Timbó auf dem Friedhof. Unser lieber Gott habe ihn selig.

Wieder wurde Versammlung zum Kirchbau gehalten. Da wurde ich als erster Vorstand gewählt. Die habe ich direkt gebaut mit August Klug und Friedrich Klug. Wir haben in unserem Walde Holz geschlagen. Zimmermann Gustmann hat das Holz verbunden und aufgerichtet. Die Maurerarbeit machte der Mauer Fröhlich. Die Kirche steht heute noch. Die Bänke in der Kirche machten Julius Vogel und Carl Bewiahn. Auch wurde ich Vorarbeiter unter Doktor Blumenau, da habe ich Wege gebaut. Auch habe ich als Quartierinspektor über 20 Jahre fungiert.

In Cedro am 21. März 1875 kam meine liebe Frau ins Wochenbett und ist dann gestorben. Hier im Urwald war damals keine Hilfe. Wagen gab es hier damals noch nicht. Friedrich Donner hat die Leiche per Canoa auf dem Cederfluss bis Timbó gefahren. Sie ruht in Timbó auf dem Friedhof. Sie hat mir 3 gesunde Jungens hinterlassen. Sie leben noch und sind verheiratet.

Fünf Monate war ich Witwer. Den 29. August 1875 habe ich die zweite Ehe geschlossen mit Auguste geborene Lemke. Zur Trauung sind wir hingeritten nach Badenfurth. In der Kirche in Badenfurth wurden wir durch Pastor Hesse getraut. Meine zweite Ehe war glücklich. Wir haben zusammen die silberne, die goldene und die diamantene Hochzeit gefeiert. Meine zweite Frau ist gestorben den 28. August 1938. Sie wurde 88 Jahre alt. Wir haben in unserer Ehe 7 Kinder aufgezogen, 4 gesunde Jungens und 3 Mädchen. Sie sind alle gesund und sind verheiratet. Es ist für mich eine grosse Freude, dass ich gesunde Kinder aufgezogen habe, sie sind noch alle am Leben. Auch habe ich wohl 70 Enkel und gegen 100 Urenkel. Unser

visitou e em toda a Colônia fez muitos estragos. Numa noite de chuva forte o tigre abateu uma rês de três anos, arrancando-lhe os nervos da goela. Também dois bons cachorros ele comeu.

Já havia crianças na idade escolar. Johann Lemke convocou uma reunião. Fundamos a escola. Eu, Ferdinand Zumach e Carl Jahnke fomos eleitos para a diretoria. Trabalhamos em turmas. Quando a madeira estava pronta, o carpinteiro Lahsan a armou. Assim foi erguida a escola. Os bancos escolares foram feitos por Julius Vogel e Carl Bewiahn. O Primeiro professor foi Julius Scheidemantel. Este, durante anos, lecionou na escola. Era um professor justo e honesto. Ele descansa no cemitério em Timbó. Nosso amado Deus o tenha como salvo.

Nova reunião foi marcada para combinarmos a construção da igreja. Eu fui eleito primeiro presidente. Junto com August Klug e Friedrich Klug a edifiquei. Derrubamos a madeira em nosso mato. O carpinteiro Gustmann armou e levantou a madeira. O serviço de pedreiro foi de Froehlich. A igreja é a que hoje temos. Os bancos da igreja foram feitos por Julius Vogel e Carl Bewiahn. Também trabalhei como feitor de Dr. Blumenau, na construção de estradas. Como quarteirão estive em exercício mais de vinte anos.

Em Cedro, no dia 21 de março de 1875, minha amada esposa, esperando um bebê, veio a falecer. Aqui no mato neste tempo não havia recurso. Nem carroças existiam. Friedrich Donner levou a defunta por canoa pelo rio Cedro até Timbó. Ela descansa em Timbó no cemitério. Ela me deixou três filhos fortes que ainda estão vivos e casados.

Cinco meses permaneci viúvo. No dia 29 de agosto de 1875 contraí o meu segundo matrimônio com Auguste Lemke. Para casar fomos a cavalo até Badenfurt. Na igreja de Badenfurt recebemos a bênção pelo Pastor Hesse. Meu segundo matrimônio foi feliz. Festejamos juntos as bodas de prata, de ouro e de diamante. Minha segunda esposa faleceu em 28 de agosto de 1938. Ela alcançou a idade de 88 anos. Criamos em nosso matrimônio 7 filhos, 4 rapazes fortes e 3 meninas. Estão todos com saúde e casados. É para mim motivo de grande alegria ter criado dez filhos sãos, que ainda vivem. Também tenho mais de 70 netos e 100 bisnetos mais ou menos. Nosso amado Senhor e Deus os abençoe com saúde e contentamento. Moro com o meu filho Franz. Nada me falta aqui e estou passando bem. A pedido de meus filhos escrevo este protocolo, contendo o percurso, a luta e o trabalho da minha vida.

lieber Herrgott segne sie mit Gesundheit und Zufriedenheit. Mein Quartier habe ich bei meinem Sohne Franz. Mir geht es hier gut und bin ich wohlauf. Auf Bitten meiner Kinder hin schreibe ich dieses Protokoll, meinen Lebenslauf und Kampf, über meine Arbeit in meinem Leben.

1869 kam ich in Blumenau an. Da war Brasilien noch Monarchie. Wir wurde gut aufgenommen und unterstützt. Auch waren die Beamten gut in Blumenau: Dr. Blumenau, H. Wendeburg und Reinhold Freygang.

Hoch lebe Brasilien.

Was Gott tut, das ist wohlgetan, es bleibt gerecht sein Wille.

Wer Gott vertraut, hat wohl gebaut.

Amen!

Nachschrift:

Wilhelm Butzke sen. starb am 25. August 1941 im hohen Alter von 98 Jahren, 4 Monaten und 5 Tagen nach kurzem Kranksein. Er hinterlässt 10 Kinder, 70 Enkelkinder und 143 Urenkel auch 1 Ururenkelchen. Er wurde am Dienstag den 26. August unter grosser Beteiligung auf dem Friedhof in Timbó beerdigt. Text der Leichenrede Psalm 91, 1. 2. 7. 14 bis 16.

Quelle: FLOS, Pastor Max-Heinrich. **Unsere Väter.** São Leopoldo, Rotermund, 1961.

Em 1869 cheguei a Blumenau. Então o Brasil era monarquia. Fomos bem recebidos e apoiados. Também os funcionários em Blumenau eram bons: Dr. Blumenau, H. Wendeburg e Reinhold Freygang.

Viva o Brasil.

O que Deus faz, bem feito está, justa é a sua vontade.
Quem em Deus confia, não será enganado.

Amém!

Post scriptum:

Wilhelm Butzke Sênior faleceu em 25 de agosto de 1941 na avançada idade de 98 anos, 4 meses e 5 dias, após breve doença. Seus descendentes são 10 filhos, 70 netos e 143 bisnetos e também um tataraneto. Ele foi sepultado no cemitério de Timbó no dia 26 de agosto com grande acompanhamento. Texto da pregação: Salmo 91, 1. 2. 7. 14-16.

Trad. Pastor Harald Roepke.

“Entre nós, os grandes relatos da televisão ou da publicidade esmagam ou atomizam os pequenos relatos de rua ou de bairro. ...a cidade não tem história, ela só pode viver se preservar todas as suas memórias”.
Michel de Certeau

**Etnografia do
Loteamento
Dona Edite:
o lembrado e o
observado**

Texto:

**DIONE LORENA
TINTI ***

Este artigo trata-se de uma reelaboração do primeiro capítulo de minha dissertação de Mestrado, defendida junto à Pós-Graduação de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob o título: “A dinâmica das relações de gênero em famílias migrantes (rural-urbano) de baixa renda na região de Blumenau-SC – o caso do Loteamento Dona Edite”¹.

É sabido que o processo de colonização de Blumenau iniciou-se a partir de 1850 e foi marcado pela fixação de imigrantes europeus - principalmente alemães, tirolezes (austríacos de tradição cultural alemã e italiana) e italianos. Estes imigrantes instalaram-se em pequenas propriedades rurais, que foram transformando-se, em poucas décadas, numa cidade industrial praticamente desprovida de zona rural. Sendo assim, Blumenau é definida pela maioria dos estudiosos da história econômica catarinense, como o marco que inaugura o processo de industrialização do estado de Santa Catarina.

* Mestre em Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da FURB.

¹ TINTI, Dione Lorena. **A dinâmica das relações de gênero em famílias migrantes (rural-urbano) de baixa renda na região de Blumenau-SC: o caso do Loteamento Dona Edite**. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

O desenvolvimento econômico da cidade gerado pela proliferação de indústrias têxteis², somado à fama que Blumenau conquistou de cidade européia e o destaque promovido pela OKTOBERFEST³, teve como consequência a atração de um fluxo migratório intenso na década de 80, aumentando sua população de 157.158 habitantes (1980) para 211.677 habitantes, conforme registro do censo de 1991, representando um crescimento anual de 2,73%.

Essa corrente migratória para a cidade de Blumenau, forjou periferias pobres que obrigou a população a subir o morro, ocupando áreas consideradas de risco e de preservação ambiental. A definição que ouvi certa vez pode dar uma idéia da difícil topografia de Blumenau: “uma ilha rodeada de morros por todos os lados”.

O Loteamento Dona Edite pode ser considerado cria desse processo migratório já que, segundo pesquisa realizada pela Prefeitura Municipal de Blumenau, mais de 90% de seus moradores são migrantes. Poucos são os loteamentos localizados em áreas íngremes que podem ser considerados área nobre. Geralmente os “morros” abrigam aqueles que sem poder aquisitivo, sujeitam-se a morar em loteamentos que são caracterizados como irregulares por não fornecerem infra-estrutura necessária às necessidades dos moradores.

O presente artigo é resultado da elaboração de uma etnografia do Loteamento Dona Edite. Através das lembranças dos moradores do Loteamento Dona Edite e de minhas observações, pretendo demonstrar como esse espaço foi se construindo e como é hoje a vida cotidiana desses migrantes que vieram para Blumenau em busca de uma vida melhor.

O Loteamento Dona Edite está localizado na região Oeste, mais especificamente no Bairro da Velha Grande, onde encontra-se a segunda maior população do município, qual seja, a de 28.442 habitantes. É também nesse bairro que concentra-se o maior número de indústrias, as quais empregam um total de

² As indústrias têxteis de Blumenau, ARTEX, HERING, SUL FABRIL, OMINO HERING, KARSTEN, CREMER, TEKA, para não falar de todas, são ou foram conhecidas nacionalmente pelos seus produtos. Na região, significavam emprego para os migrantes que saíram do campo em busca de trabalho.

³ A Prefeitura Municipal de Blumenau, para promover o turismo e a OKTOBERFEST, divulga através de propaganda oficial, a região do município de Blumenau como o “Vale Europeu”. A ideologia de que o desenvolvimento de Blumenau, no passado e no presente, deve-se à herança cultural superior do elemento étnico germânico é mantida e aceita por grande parte da população, independente da origem étnica.

5.072 trabalhadores, o que explica a grande atração de migrantes para essa região.

Conforme um cadastramento realizado por alguns moradores do local e estagiários da FURB em 1994, o loteamento abrigava naquele ano, aproximadamente 400 famílias. Porém, de 1994 até hoje, essa população deve ter aumentado bastante, pois foi possível observar durante a pesquisa caminhonetes chegando toda semana com novas mudanças. Segundo pesquisa realizada pela Secretaria de Ação Comunitária da Prefeitura⁴ sobre localidades que são caracterizadas pela concentração de pobreza, os dados sobre os migrantes do Loteamento Dona Edite revelaram que a maioria é do Estado de Santa Catarina, mas que não é irrelevante o número de migrantes provenientes do Estado do Paraná.

Local de origem	porcentagem
Vale do Itajaí	20,8
Estado do Paraná	20,8
Oeste Catarinense	19,7
Planalto Catarinense	18,3
Total	79,6

O primeiro obstáculo encontrado por esses migrantes é o acesso para o Loteamento Dona Edite. Apesar de ter melhorado consideravelmente neste último ano devido à instalação de Terminais Urbanos e ao aumento da oferta de ônibus que servem aquele bairro, o acesso às casas é feito a pé, pois o ponto de ônibus fica na base do morro, já que seria impossível o seu trânsito no loteamento, devido a topografia e as más condições das ruas.

Ao chegar no pé do morro onde localiza-se o Loteamento Dona Edite, muito pouco se vê de suas casas e das condições em que vivem seus moradores. A topografia íngreme torna árdua e lenta a subida do morro e é assim, passo a passo, que o loteamento vai sendo desvendado. As duas ruas que dão acesso ao loteamento, mais ou menos na metade do morro, transformam-se numa única rua que vai estreitando-se até desaparecer. São ruas de barro cobertas por uma camada de poeira que transforma-se em lama nos dias de chuva intensa. Em alguns pontos das laterais dessas ruas, onde estão instalados os

⁴ Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau - Secretaria de Ação Comunitária - Projeto de Cadastramento - Avaliação Sócio-Econômica Ambiental na cidade de Blumenau, Relatório Final/janeiro de 1995.

tubos para a canalização do esgoto, vê-se sacos de lixo jogados e em dias de chuva uma torrente lamacenta mistura-se aos dejetos.

Sem dúvida, quando se fala em espaço físico fala-se também em espaço social. A classificação de um, também é a do outro, pois estão imbricados. A modificação do espaço natural, como se sabe, está diretamente ligada à ação humana. Nesse sentido, observa-se que esse lugar, utilizando as palavras de HALBWACHS, “recebeu a marca do grupo, e vice-versa”⁵.

Quanto mais se sobe o morro, mais percebe-se que esse espaço foi sendo devastado conforme a sua ocupação, transformando-se aos poucos num espaço degradado. Num descampado, onde antes havia uma área verde, hoje é utilizado como local para jogar bola, o “campinho” como é conhecido. Sem a proteção do verde, o solo sofre com a erosão, abrindo-se em alguns lugares, verdadeiras crateras, representando um perigo constante. Para se ter uma idéia, em uma dessas erosões localizada à beira da estrada principal, foi encontrado um rapaz já morto, ao lado de sua bicicleta, que segundo comentários dos moradores, deve ter caído e “desnucado” o pescoço.

Quase não se vê cores no loteamento. Suas casas, devido à falta de recursos, geralmente são mal acabadas, sem pintura, sem azulejos, e muitas delas que são mistas (madeira e alvenaria) ficam um longo tempo com a parede de tijolo esperando pelo dinheiro escasso para, então, ser rebocada. As casas que são pintadas, ou receberam cores sem expressão como o branco, o bege, o verde claro ou já ficaram sujas da poeira e da lama.

Observou-se que em algumas casas, encontra-se instalada no quintal, uma antena parabólica. Percebe-se, nesse sentido, que a televisão, um dos poucos lazeres a que essa população tem acesso, tem que estar bem sintonizada. São poucos os quintais com flores e grama. As casas que apresentam um jardim, geralmente são aquelas em que o terreno é plano, o que é difícil de encontrar no loteamento. Também o tipo de solo, que é firme e com muitas pedras dificulta o cultivo de flores.

Observou-se que as ruas não têm identificação oficial. Muitas vezes, para localizar alguém, os moradores para explicarem qual a rua, referem-se como “a rua do fulano”, indicando, dessa forma, uma diferenciação das pessoas pelo *status* que algumas possuem por serem liderança local. Talvez isso explique a decisão da Associação dos Moradores em nomear uma das ruas como “Rua do Presidente”. Nota-se, apesar da Associação dos Moradores ser presidida por um homem, que há também liderança feminina. A casa de uma senhora que foi

⁵ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, 1993, p.133.

candidata à presidência da Associação, é sempre referência para as reuniões das mulheres.

Outra forma de localização é indicar a proximidade da rua com algum comércio. O loteamento dispõe de quatro bares e um mercadinho. Apesar desses locais venderem seus produtos mais caros do que outros comércios do bairro, pois geralmente se abastecem com as promoções dos supermercados, percebeu-se que a freguesia é mantida através do fiado. E nesse caso, o que garante ao dono do comércio o recebimento de suas vendas, é o fato de conhecer os seus fregueses e a palavra destes de que vão pagar quando receberem.

Em frente ao mercadinho encontra-se o telefone público, único de todo o loteamento. É através desse telefone que muitos filhos comunicam-se com seus pais que estão trabalhando, que os jovens marcam encontros com seus pares e que em caso de emergência é solicitada uma ambulância. Mesmo assim, segundo informação de moradores, é preciso que o telefone seja vigiado o tempo todo, pois muitos já foram destruídos.

Esse telefone público foi uma das conquistas do loteamento junto aos órgãos públicos, no caso, a Telesc. Muitas coisas ainda precisam ser feitas, pois o loteamento encontra-se em condições precárias. Observou-se que mesmo já tendo água canalizada no loteamento, muitos moradores chegam a ficar até quatro dias sem água. Quando chove, é quase impossível subir com um carro que não tenha tração nas quatro rodas. O lixo só é recolhido esporadicamente e, mesmo assim, parece que de forma clandestina. De acordo com os moradores, a explicação para o descaso por parte da Prefeitura está ancorado na irregularidade em que se encontra o loteamento que, conforme seu histórico, apresenta vários obstáculos para sua regulamentação.

Em 1988, faleceu o senhor Kuniberto Hubes, herdeiro das terras que pertenciam a sua segunda esposa, Dona Edite, daí o nome do loteamento. A compra de lotes através de contratos de compra e venda, deu início ao Loteamento Dona Edite há mais de dezenove anos. No entanto, este loteamento encontra-se até hoje em situação irregular. O fato de parte do loteamento situar-se em Zona de Preservação Ambiental (ZPA), dificulta sua regulamentação, pois não são permitidos loteamentos, apenas desmembramentos com lotes de no mínimo 3.000 metros quadrados.

Houve por parte do senhor Kuniberto Hubes, em 1986, uma tentativa de regularização do loteamento, porém o documento apresentado à Prefeitura não foi aprovado. A solução jurídica viável para o caso, seria o de um processo de Usucapião Coletivo, que privilegiaria os moradores residentes no local há mais de nove anos. Porém, como parte do loteamento pertence à zona rural,

onde são necessários mais de quinze anos de residência para o pedido de Usucapião, tem dificultado essa saída. Há ainda um outro problema que pode impedir a regulamentação. A terceira esposa do senhor Kuniberto, dona Terezi-
nha, pode impugnar o processo se provar que ela e seus filhos são partes legítimas e herdeiros⁶.

Essa situação adversa motivou os moradores a procurarem assistência jurídica junto ao Estágio Orientado de Direito da FURB. A reivindicação dos moradores do Loteamento Dona Edite chegou ao Centro de Direitos Humanos de Blumenau (C.D.D.H.), através de um de seus membros, que por sua vez também era estagiário do Curso de Direito. Sendo a questão da moradia uma das prioridades do C.D.D.H., a Coordenação, após analisar a questão das escrituras dos lotes, resolveu assumir essa luta junto à população local. Sendo assim, desde março de 1992, o C.D.D.H. está assessorando os moradores juridicamente e, juntamente com o Estágio Supervisionado do Curso de Serviço Social, através de suas estagiárias, fazendo também um trabalho de organização popular. Através desse trabalho foram organizados a Comissão de Moradores e, posteriormente, a Associação de Moradores, o Grupo de Mulheres e o Grupo de Crianças.

A infra-estrutura necessária para tornar o loteamento um local com as mínimas condições de conforto e higiene, estão suspensas conforme ordem do Juiz, até que seja resolvido o problema da irregularidade. Se hoje o loteamento vive ainda em condições precárias, a memória dos primeiros moradores demonstra que no seu início, este não passava de um “deserto verde”, não oferecendo a mínima infra-estrutura.

As lembranças mostram que o morro foi ocupado de forma desigual pelos diferentes grupos étnicos. Enquanto os primeiros moradores, descendentes de alemães e italianos, instalaram-se no começo do morro, através da compra de lotes, alguns negros “acostumados” a invisibilidade social, ocuparam a parte mais alta. Nesse sentido, foi possível apreender através da fala de quem presenciou o início do loteamento, a diferença hierárquica entre o início do morro e a sua parte mais alta, desvelando dessa forma, racismo entre seus moradores:

⁶ Essas informações estão relatadas no seguinte trabalho: BACHMANN, Maira Solange e SCHAEFFER, Marta. **Dona Edite - a realidade de um loteamento clandestino - migração, urbanização e organização popular**. Blumenau, FURB, Trabalho de Conclusão de Curso, 1993.

“...agora tem gente, mas teve um tempo, quando começaram a invadir aqui encima, era só preto. E era daquele, que se tu olhava assim, tu dizia: não, não chego nem perto. Não dava nem prá olhar...a gente tinha até medo sabe? Aquilo era só preto que desembarcava do ônibus, dava um medo”.

Se no início do loteamento, os brancos conseguiam levantar uma casa, por mais simples e precária que fosse, sem água, luz, etc., mesmo assim, encontravam-se em situação melhor que os negros. Estes, além de sofrerem o racismo, já que estavam morando agora na “cidade mais alemã do Brasil”, viviam numa situação ainda mais difícil, pois nem casa eles conseguiam construir. Conforme lembrou uma mulher sobre a moradia dos primeiros negros no loteamento:

“...era tudo com aquela...como é que é? lona né? abria aquela lona né, e ali os preto moravam”.

No entanto, acredito que o medo que esta mulher sentiu não seja somente consequência do racismo, pois o migrante rural, em sua terra de origem, tem suas relações mais cotidianas limitadas pelo contato com a família: pais, tios(as), primos(as). Sem muitas opções de convívio social fora da família, a não ser a igreja aos domingos e as “domingueiras”, é compreensível que os migrantes assim que chegavam a Blumenau, emudecessem diante de tantas pessoas estranhas. O depoimento de uma informante, que está no loteamento desde o início, retrata bem essa situação:

“...a gente com o tempo aprendeu a falar um com o outro, porque antes parecia ser tudo bicho, sabe?... porque antes, nem cumprimentar um o outro, a gente não cumprimentava”.

O migrante quando decide mudar-se para a cidade, sonha com melhores condições de vida. Ao encontrar dificuldades no novo espaço, a lembrança que emerge é de estranheza, como demonstra o depoimento de uma de minhas informantes de como era o loteamento no início:

“...quando eu vim morar aqui estava grávida de meu maior. Fazendo cinco dias que estava aqui ele nasceu. *Sem força, sem água, sem janela na casa, nada, era tudo estranho.* Só tinha uma casinha lá na beira da estrada da D. Maria, o resto era tudo mato...a gente tinha que ir lá no rio buscar água”.

O estranhamento ao novo espaço pode gerar consequências mais graves para alguns. HALBWACHS, ao discutir sobre memória coletiva e espaço, colo-

ca que a ruptura com o meio familiar deixa as pessoas perdidas e sem um ponto de apoio. Em suas próprias palavras, o autor nos diz que:

“Até mesmo fora dos casos patológicos, quando algum acontecimento nos obriga também a nos transportarmos para um novo entorno material, antes de a ele nos adaptarmos, atravessamos um período de incerteza, como se houvésemos deixado para trás toda a nossa personalidade, tanto é verdade que as imagens habituais do mundo exterior são inseparáveis do nosso eu”⁷.

Essa fase de adaptação para alguns pode gerar uma crise de depressão. Uma de minhas informantes lembra que chegou a ficar doente quando veio morar no loteamento:

“...então eu estranhei muito. Até fiquei doente, tive uma crise. Aquela crise que me deu né. Eu passei mal. *Por isso eu acho que estranhei né.* E o morro...A gente não era acostumada com esse morro. Porque lá aonde a gente morava não era assim com morro...*Então eu estranhei muito e...as crianças, tudo, estranharam...*”.

E quem não estranhou se admirou, como me disse uma jovem, casada há pouco tempo, que para fugir do aluguel e conseguir construir uma casinha, veio com o marido para o loteamento:

“Aí o meu cunhado aqui, comprou esse terreno aqui, essa casinha e veio embora prá cá. Daí nós viemos passear aqui. Aí...aí meu Deus, eu fiquei admirada quando vi esse morro...É ruim de subir o morro (e conformada completou)...mas depois que a gente está aqui, também é gostoso”.

Talvez conformada não seja a palavra certa, mas sim desanimada, pois em outro momento ela desabafou:

“Depois que eu mudei aqui para o morro, eu não trabalhei mais. Esse morro aqui me desanima”.

Certamente o que mantém essas pessoas morando no loteamento é a possibilidade de terem sua casa própria e poderem fugir do aluguel, pois comprar terreno em outro local, melhor localizado, é quase impossível. Geralmente essas pessoas utilizam algum dinheiro extra, como a indenização pela dispensa do emprego, para comprar o material de construção. Esse foi o caso da minha informante acima. Segundo ela:

⁷ HALBWACHS, 1993, p.131.

“Logo o meu marido...sabe aquela fábrica, a Gaitas Hering? Ele foi despedido...ele tem dinheiro até hoje prá receber lá. Daí o que ele conseguiu pegar lá, porque eles não pagavam direito, nós só conseguimos comprar a madeira e fizemos aqui mesmo, no terreno da minha cunhada, a irmã dele”.

Como se pode ver, se eles tivessem que utilizar o dinheiro para comprar também o terreno, não poderiam ter construído a casa. Nesse sentido, observei que entre meus informantes só uma minoria deles paga aluguel. Para o pobre, ter a sua própria casa, significa a possibilidade de constituir uma família e ser dono do seu próprio nariz. Isto, sem falar na incompatibilidade dos baixos salários com o pagamento de aluguel. Para esse segmento da sociedade que recebe um salário que “mal dá para comer”, o aluguel significa um desperdício, um “dinheiro jogado fora”.

Portanto, dividir o mesmo terreno, tudo bem, é uma estratégia de emergência quando não se pode adquirir o seu próprio. Além do mais, torna-se cada vez mais difícil encontrar um terreno que já não esteja ocupado, daí que quando um parente resolve vir para a cidade, acaba dividindo o terreno com quem já está instalado. Nesses casos não há divisão por cercas ou muros. Ter a sua própria casa corresponde ao projeto da nova família nuclear de ser independente, pois conforme o estudo de Klaas Woortmann:

“Ela é crucial, não apenas de um ponto de vista material, óbvio, mas, igualmente, por constituir uma categoria central de um domínio cultural e um mapa simbólico de representações ideológicas”.⁸

Apesar da casa ser um espaço de domínio feminino, pois é um centro polarizador das atividades femininas, para o homem, este é um local em que ele manda. Ele se sente o *dono da casa*, principalmente se for de sua propriedade. Dessa forma, terá o seu *status de pai de família* assegurado pois, ideologicamente perante a sociedade, a casa, mesmo que tenha sido resultado do esforço de toda a família, é percebida com tendo sido construída pelo marido-pai⁹.

Essa situação ficou bem retratada no depoimento de uma mulher, quando falou da intervenção do Centro de Direitos Humanos no Loteamento. Um advogado que fazia parte do CDDH, ao participar de reuniões no loteamento,

⁸ WOORTMANN, Klaas. Casa e Família Operária. In: **Anuário Antropológico/80**, Rio de Janeiro/Fortaleza, Tempo Brasileiro/UFCE, p. 119.

⁹ Idem, pp.34 e ss.

fazia um trabalho de esclarecimento do direito das mulheres. Houve protestos por parte dos homens, que segundo minha informante, queriam linchá-lo:

“...os homens queriam linchar o (advogado) aqui no morro...ele veio aqui para aconselhar as mulheres né. Ele só veio e nós participamos, né? A gente fazia pergunta. Os homens achavam que a gente era tola...os homens...se a gente falasse alguma coisa, eles diziam: Ah, vocês podem ir prá rua, a gente pode botar vocês na rua, vocês não tem direito a nada...quer dizer, eu não era mais tola, já sabia né? eles achavam que porque eram homens, eram o dono da casa, que a gente podia ir embora sozinha, porque não tinha direito na casa. Daí o advogado explicou que quem tivesse casado em Comunhão de Bens...ah, mas apareceu tanta certidão de casamento, as mulheres querendo saber quem era em comunhão parcial de bens, quem não era...”

A casa é o espaço em que a mulher exerce as suas funções como cuidar da família, alimentá-la, vesti-la. A convivência cotidiana mais intensa com os vizinhos, ou melhor, com as vizinhas, parece ser próprio das mulheres. Conforme revelam os dados etnográficos é no espaço doméstico, o qual comporta a casa e o quintal, que a mulher através de suas atividades, articula suas relações sociais, principalmente as que não trabalham fora.

Observei que durante todo o dia, as mulheres se visitam várias vezes, para uma conversa, para pedir alguma coisa emprestada, para contar alguma briga com os filhos ou o marido, para matar a curiosidade de saber quem é a visita. Sobre essa falta de limites, se assim posso dizer, nas relações cotidianas da vizinhança, Câmara Cascudo observa o seguinte:

“...Amigos noutros bairros podem escolher os momentos do encontro. Os vizinhos reais, não. Estão constantemente na dependência imediata da intervenção, tanto mais completa quanto mais afetuosa”¹⁰.

A casa, segundo Klaas Woortmann, além de um espaço de moradia, é também um espaço simbólico-ritual. Nesse sentido, no Loteamento Dona Edite pude observar que na casa, também são praticadas algumas atividades ligadas à religião, como as novenas entre os católicos e a leitura da bíblia entre os pentecostais. O catolicismo e o pentecostalismo são os movimentos religiosos predominantes no loteamento. Não existe nenhuma igreja católica no loteamento, mas é possível encontrar seminaristas visitando as casas. Quanto à

¹⁰ CASCUDO, Luis da Câmara. O complexo sociológico do vizinho. In: **Ensaio de etnografia brasileira**. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro. 1971.

Igreja Pentecostal, parece que sua popularidade vem aumentando, o que não é incomum em locais carentes como o Loteamento Dona Edite. Quando não havia Igreja Pentecostal no morro, há alguns anos atrás, as reuniões eram realizadas no porão de uma casa. Hoje, encontram-se três igrejas no loteamento, sendo que todas as três já serviram de moradia e, posteriormente, foram vendidas pelos seus proprietários.

Quanto à religião afro-brasileira, nenhum dos meus informantes mencionou que freqüentasse algum local, o que parece estranho, pois nesse bairro onde está localizado o Loteamento Dona Edite, concentra-se um grande número de Terreiros de Umbanda. Sugiro como hipótese que a discriminação em relação às religiões afro-brasileiras pode ter influenciado no silêncio de meus informantes.

Sobre esse aspecto, podemos nos valer das reflexões de POLLAK sobre o *silêncio* que é uma das características essenciais da *memória subterrânea*¹¹. Segundo o autor, o silêncio que se impõe o indivíduo tem razões bastante complexas, sejam elas políticas, pessoais, para evitar o sofrimento, a culpa ou a discriminação social. Para as lembranças com essas características virem à tona, o sujeito precisa antes de mais nada de uma escuta que seja receptiva ao “indizível”. Essa constatação de POLLAK pode ser observada na fala de uma senhora quando esta após fazer questão em dizer que era católica e que nunca havia mudado de religião, ao relatar sobre um problema de saúde, lembrou-se de que fez uma operação espiritual em um “Centro de Umbanda”¹².

Voltando a falar das casas, estas enquanto edificação, geralmente são de madeira. Aqueles que já estão há mais tempo no loteamento, foram construindo uma parte de alvenaria que comporta o banheiro e a cozinha. Essas melhorias nas casas, geralmente são reivindicações das mulheres. Nesse sentido, pude observar numa ocasião, uma mulher ficar furiosa com o marido pelo fato deste não ter cumprido a promessa de permanecer um fim de semana em casa para pintar a cozinha que havia sido ampliada recentemente.

¹¹ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimentos, Silêncio. In: **Estudos Históricos**, vol.2, n. 3, 1989, p.3-15.

¹² Em Blumenau, não só no Loteamento Dona Edite, as pessoas ao se referirem ao local onde são realizados os rituais da Umbanda, chamam de “Centro de Umbanda”. Os kardecistas para se identificarem e se diferenciarem dos Umbandistas, apresentam-se como “espíritas kardecistas”. Isso demonstra não só a confusão que existe entre Terreiro de Umbanda e Espiritismo, como também, o preconceito em relação à Umbanda. É possível que essa confusão seja encontrada também em outras localidades, pois conforme a História da Umbanda, verifica-se que os seus fundadores são dissidentes do Espiritismo e do Candomblé.

O depoimento de outra mulher, defendendo-se dos comentários de que a sua casa deveria ser melhor já que o seu marido é mestre de obras, demonstra a necessidade dela em se explicar perante o grupo:

“...puxa, mas tu moras nessa casa, nesse rancho? O teu marido é mestre de obra, ganha bem. Eu disse: não adianta ganhar bem, ele ganha bem, mas a gente tem um bocado de coisa prá pagar né? Porquê não precisa de luxo. Quem quer vir na minha casa prá conversar comigo, tudo bem. Agora, se vem prá reparar na minha casa, nem venha”.

As casas desses migrantes, reproduzem em muito a aparência das casas do interior de Santa Catarina. A saudade de um tempo que ficou para trás, é confessada involuntariamente através de elementos que lembram as moradias camponesas. Não há, por exemplo, portas no interior das casas para dividir os cômodos. A intimidade dos quartos é resguardada por cortinas, sendo que o banheiro é o único cômodo com porta.

Nas nossas memórias e nos nossos sonhos, como disseram CERTEAU e GIARD, habitam nossos sucessivos habitats. Estes, nunca são deixados para trás, viajam conosco e muitas vezes a cozinha, aparece no centro de nossos sonhos¹³. No loteamento, em algumas casas observei que num canto da cozinha, o fogão à lenha representa uma referência em relação ao passado rural, através do desejo de manter antigos hábitos alimentares. Acredito também, que o migrante ao olhar para o fogão à lenha, relembre pessoas e momentos que ficaram num outro tempo e num outro espaço, pois a cozinha é um espaço privilegiado pelos camponeses para “prosear” com amigos e parentes. Segundo HALBWACHS:

“Nossa casa, nossos móveis e a maneira segundo a qual estão dispostos, o arranjo dos cômodos onde vivemos, lembram-nos nossa família e os amigos que víamos geralmente nesse quadro”¹⁴.

Quando as pessoas se lembram do lugar onde moraram, imediatamente surge o “tipo de pessoal” com quem eles se relacionavam, ou seja, principalmente da família. Percebeu-se nos relatos que, no novo espaço de sociabilidade, o migrante leva um tempo para se acostumar com as pessoas e com os novos costumes:

¹³ CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano.2. Morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p.207.

¹⁴ HALBWACHS, 1993, p. 131.

“Eu sentia falta da família, deles. Porque a gente não é acostumado a ficar longe da mãe, do pai. Daí eu sentia falta deles e o tipo de pessoal né.

“O que eu achei difícil acostumar na cidade, foi as pessoas. São muito falsas”.

Os migrantes ao incorporarem os padrões de comportamento do novo contexto espacial não necessariamente significa o abandono dos padrões tradicionais de relacionamento. Essas pessoas vivem a ambigüidade do “moderno” e do “arcaico”, adaptando-se ao ritmo da vida cotidiana imposto pelo meio urbano sem no entanto abandonar os valores “tradicionais” que estão estruturalmente mediados por um código de lealdades e obrigações próprio das relações de parentesco e de amizade. Isso fica inteligível na fala de uma informante:

“Porque o pessoal aqui, sei lá, quando nós chegamos aqui... porque agora nós temos bastante amigos...porque tem gente de lá também. Mas antes quando a gente chegou aqui, era cada qual por si, sem um ajudar o outro, sei lá, no sítio o pessoal já se ajudava mais né, mas até que já mudou bastante, ficou um pouco diferente. Mas é meio difícil, na cidade mesmo”.

O que essa mulher quer dizer com *já mudou bastante* é que no processo de adaptação ao novo espaço, o migrante vai reconstruindo formas de relacionamento as quais estava acostumado, onde a regra que predomina é o código de reciprocidade e sem a qual a vida na cidade fica inviabilizada. A idéia de que *o pessoal no sítio se ajudava mais* fica por conta de sua representação idílica do passado, pois no loteamento também se observa uma rede de solidariedade e entre ajuda entre os parentes e vizinhos.

O cuidado com as crianças no loteamento fica por conta de uma creche que foi construída e é mantida pela associação de moradores do loteamento. Porém, quando a creche por algum motivo não funciona, as crianças ficam aos cuidados das mulheres que não trabalham fora, conforme pude observar na casa de uma das minhas informantes.

A creche é uma aquisição recente no loteamento. Antes no Bairro da Velha, onde está localizado o loteamento, havia um Centro Social Municipal que mantinha uma creche para atender as crianças do bairro. Porém, as vagas eram insuficientes. Hoje, com a instalação da creche no loteamento, diminuiu o número de crianças brincando na rua, mas ainda é possível ver muitas delas, descalças, com a cara suja, com os cabelos desalinhados, com um pedaço de madeira na mão, uma bola ou um outro brinquedo qualquer já quebrado, mas que para elas ainda exerce sua função: fazer parte de um mundo de fantasias

criado por elas. Afinal, como ressalta Walter BENJAMIN¹⁵: “brincar significa sempre libertação”.

Para BENJAMIN, não é o conteúdo imaginário do brinquedo que determina a brincadeira da criança. Mas ao contrário. É na imaginação das crianças que qualquer pedacinho de madeira, argila, tecidos, ossos ou pedrinhas, guarda em sua materialidade uma infinidade de diferentes figuras¹⁶. E essa imaginação está diretamente associada à realidade em que a criança está inserida, pois:

“as crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas sim uma parte do povo e da classe de que provém. Da mesma forma seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e especial; são, isso sim, um diálogo simbólico entre ela e o povo”¹⁷.

Vi muitas dessas crianças que, mesmo com um sorriso nos lábios, escondem uma tristeza no olhar, provavelmente porque já viveram muitas dificuldades. Nos desenhos feitos por essas crianças, conforme tive oportunidade de ver, é possível observar como olhos tão *inexperientes* já conseguem traduzir a realidade vista. Com cores fortes e escuras as crianças retratam a pobreza do loteamento, desenhando casas, mulheres subindo o morro com crianças no colo, pessoas brigando nas ruas, etc.

Os depoimentos demonstraram que é nas crianças que os migrantes, depois de tantos anos na cidade sem verem seus sonhos se realizarem, acabam por depositar toda sua expectativa. Percebeu-se em muitos relatos, a importância que o pobre deposita na educação de suas crianças. Para estas pessoas que não têm o que deixar de herança material para seus filhos, além da moral (ser honesto, trabalhador, bom filho,...), a educação aparece como a única forma de ascensão social. Uma mulher que demonstrava haver perdido a esperança de melhorar de vida, morando numa casa com dois cômodos, sem banheiro, vê na sua única filha a possibilidade de um dia todo o seu sofrimento ser recompensado:

“Eu tenho só uma filha e todo o meu trabalho é prá dá educação prá ela. Eu gostaria que ela fosse advogada, mas não sei, é muito caro a faculdade?...Ela tem 13

¹⁵ BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984. p.64.

¹⁶ Idem, p. 69.

¹⁷ BENJAMIN, 1984, p.70.

anos e só estuda. Eu não vou deixá ela trabalhar como eu que tive que trabalhar de criança, vai ficar só estudando.

Contudo, essa não é a realidade da maioria, pois nem todas as crianças podem se dar ao luxo de dedicarem-se exclusivamente aos estudos. Geralmente a criança pobre passa da infância para a fase de adulto, sem ter o direito de viver sua adolescência. O treinamento para a futura obediência no mundo do trabalho começa bem cedo. A criança desde os cinco, seis anos já faz uns “mandadinhos”, como ir na venda, chamar um vizinho, olhar o irmão menor, dar um telefonema. A criança deve obedecer sem protestar e quando protesta geralmente não é atendida, pois dentro dos valores morais da maioria desses pais, isso poderia diminuir sua autoridade perante os filhos.

Em pequenos acontecimentos do dia-a-dia pode-se perceber os futuros papéis sexuais a serem desempenhados pelos meninos e meninas. O treinamento para a futura condição do gênero feminino, pode ser percebido no cuidado com o outro. Isso não quer dizer que os meninos também não sejam requisitados para tal função, porém só na falta de uma menina que o faça. Outra distinção que os pais fazem entre os meninos e as meninas, conforme pude observar, fica por conta da restrição para as meninas em freqüentar certos lugares. O bar “não é lugar para mulher”. Se for para buscar um refrigerante, mesmo que numa família a menina seja mais velha, o menino é quem irá até o bar.

Além dos vizinhos a família tem uma importância vital para os pobres. Segundo SARTI, esta importância está diretamente relacionada à incapacidade das instituições públicas em fazer a mediação entre o indivíduo e a sociedade, ou seja, em fornecer educação, saúde, amparo à velhice e à criança, necessidades que acabam sendo supridas no interior da família. Conforme a autora:

“A família não é apenas o elo afetivo mais forte dos pobres, o núcleo da sua sobrevivência material e espiritual, o instrumento através do qual viabilizam seu modo de vida, mas é o próprio substrato de sua identidade social”.¹⁸

A família adquire um papel ainda mais importante no caso dos migrantes, pois o seu deslocamento só é possível quando viabilizado pela rede familiar. De fato, o estabelecimento dos pobres/migrantes na cidade depende de

¹⁸ SARTI, Cyntia Andersen. **A família como espelho. Um estudo sobre a moral dos pobres.** Campinas, SP: Autores Associados, 1996, p.33.

recursos familiares, seja em dinheiro, na ajuda para encontrar um emprego, no abrigo ou na tradução do mundo urbano para os recém-chegados¹⁹.

Mas o morro não vive só de solidariedade. Existem também muitos conflitos. Conflitos entre casais, entre pais e filhos, entre homens, entre mulheres, entre vizinhos. Um homem que entrevistei na beira da estrada, logo no início do morro, falou da violência com que alguns conflitos são resolvidos:

“Sabe aquele senhor que passou ainda há pouco por aqui e cumprimentou a gente? Esse cara esfaqueou um vizinho por causa de um rabicho. Ficou só três dias preso e foi solto... Tem muito cara armado aqui, com faca. Vão pro bar, ficam bebendo, começam a discutir e dá no que dá. Principalmente esse pessoal que vem do Oeste”.

De fato, é possível verificar a presença de muitos homens nos bares existentes no loteamento. Estive no loteamento em diferentes horários e dias da semana e a cena se repete constantemente. O alcoolismo vem sendo apontado como um dos principais problemas do loteamento em pesquisas feitas pela Prefeitura Municipal de Blumenau. Isto se confirmou no depoimento de muitas de minhas informantes, que apontaram a bebida como o principal fator da desavença conjugal.

A consequência da não compreensão da relação que existe entre os processos econômicos e sociais por parte dessa população, é que a comunicação entre marido e mulher acaba por se transformar num diálogo de surdos, onde ambos sofrem. Não é incomum a violência contra as mulheres no loteamento, porém muitas se calam. Os vizinhos muitas vezes querem ajudar, mas conforme me disse um homem, o melhor é seguir aquele velho ditado: “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”.

Contudo, apesar de todas as dificuldades encontradas no Loteamento Dona Edite, a realidade não corresponde aos estereótipos usados e explorados na imprensa, e que parecem vigorar mesmo entre as profissionais de Serviço Social, quando num dos trabalhos escritos sobre o local, lê-se que o loteamento está em estado de afavelamento. Eu não diria que o Loteamento Dona Edite possa ser considerado como uma favela “típica”, como essas do Rio de Janeiro e São Paulo que vê-se todos os dias na televisão. Se considerarmos que a imagem que nos vem a cabeça quando se fala em favela, é aquela dos crimes, da

¹⁹ Uma discussão sobre a importância da rede de parentesco para a adaptação do migrante na cidade pode ser encontrada no seguinte trabalho: DURHAN, Eunice. **A caminho da cidade. A vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1973 [Debates, 77].

violência gratuita, do tráfico de drogas, das casas de papelão ou de caixotes de engradados de bebida, então, realmente, o Loteamento Dona Edite não se encaixa nessa descrição.

As mudanças que ocorreram no loteamento e no bairro onde está localizado, desde que estive lá da primeira vez, que em retrospecto parece curto, demonstram que a transformação deste espaço é um processo constante, tanto na sua expansão, quanto no progressivo desejo de seus habitantes em melhorar de vida, que no caso dos migrantes é um projeto que tem origem no momento em que resolveram migrar.

Não resta dúvidas que a estrutura social do Loteamento Dona Edite apresenta condições limitadoras para essa melhoria, tornando-a relativa. Porém, percebeu-se que essas condições limitadoras também podem se transformar em facilitadoras²⁰. Muitos desses(as) migrantes, justamente por terem que enfrentar as dificuldades que encontraram na cidade, acabaram por se transformar nos novos atores políticos que entraram em cena.

A organização dos moradores através da formação da Comissão de Moradores e, posteriormente, da Associação de Moradores do Loteamento Dona Edite, com o objetivo de reivindicar junto aos órgãos públicos a prestação de serviços, bem como, a formação do Grupo de Mulheres afim de se conscientizarem de seus direitos, demonstram os avanços conseguidos. Foi nesse espaço repleto de desafios, que os(as) migrantes tiveram a oportunidade de acessar alguns dos serviços prestados pela universidade local e pelo Centro de Direitos Humanos de Blumenau. Ainda são poucos, não se pode negar. Contudo, acredito que o mais importante é a troca de “saberes” que possibilita a construção de relações sociais mais democráticas e, conseqüentemente, a reflexão do que é ser *cidadão*.

²⁰ Sobre a relação entre poder, enquanto capacidade de agir, “de fazer uma diferença”, e as predisposições estruturais, coercitivas e facilitadoras, ver: GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Fragmentos de Nossa História Local

O Comércio de Blumenau nos anos 40

“Toda história é bem contemporâneo, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde aos seus interesses, o que não é só inevitável, como também legítimo”.

Assim, o termo contemporâneo assinala uma ruptura e com o passado e nesta novidade do “presente” a nossa cidade, vem passando por uma série de transformações quer no urbanismo da rua XV de Novembro, quer na constante renovação de proprietários das casas comerciais antigas, quer na alternância de mercado e ocupação dos espaços.

Nesta sessão buscamos extrair dos periódicos dos anos 40, alguns acontecimentos comerciais da época, os quais estamos publicando nesta coluna para que se tenha conhecimento de um dos períodos de grande prosperidade no comércio blumenauense.

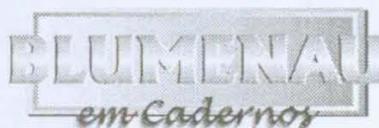
As reflexões que se fazem em torno destes empreendimentos, tidos como de vanguarda, são hoje lembranças de um passado glorioso. Estas casas de comércio permanecem vivas na memória dos velhos blumenauenses que visualizam nos antigos casarões a resistência de um tempo que sobrevive às mudanças do urbanismo da cidade.

Inauguração das modernas dependências da firma Carlos Koffke

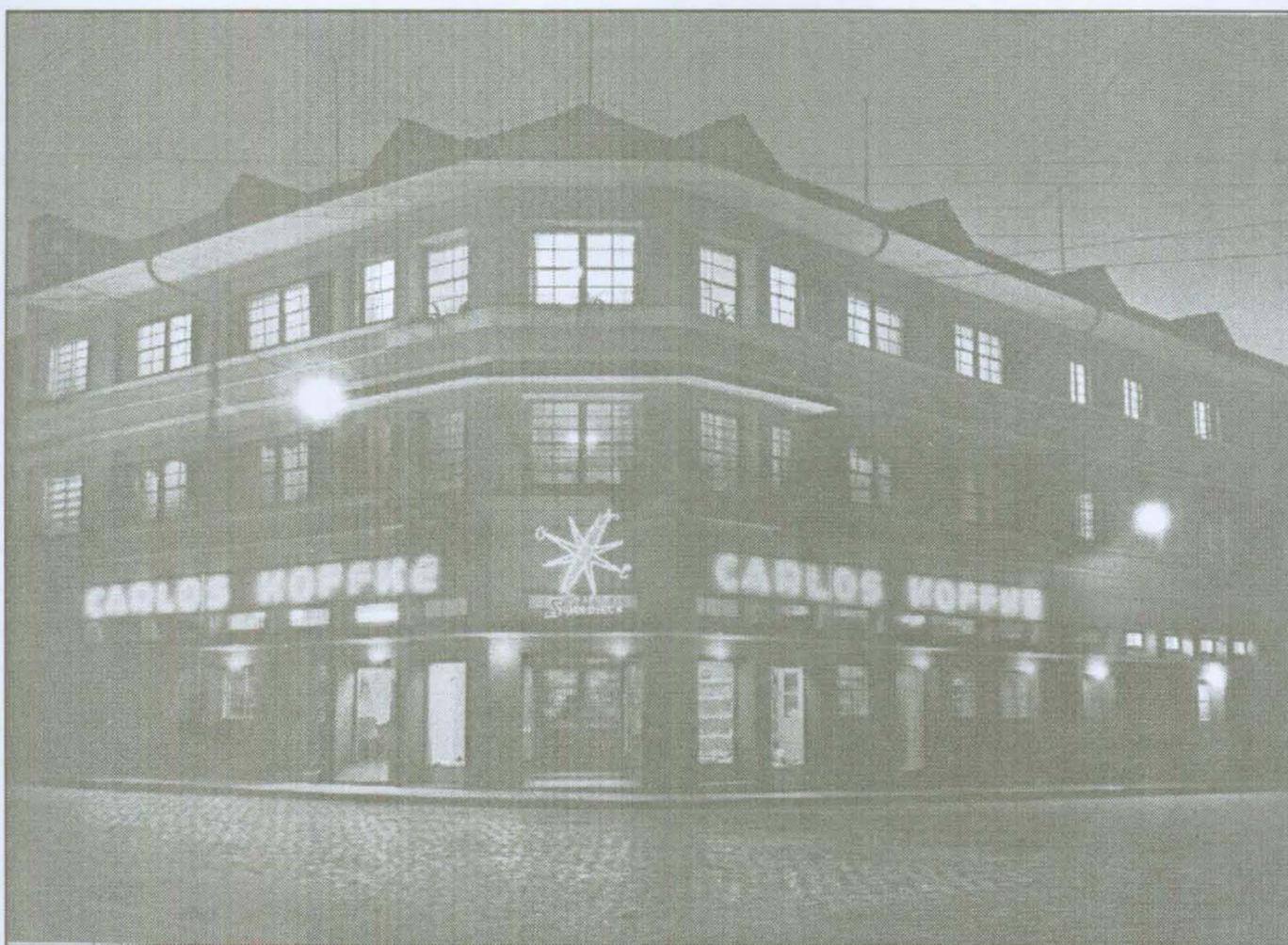
Constitui acontecimento de importante significação social a inauguração das modernas e luxuosas dependências da firma Carlos Koffke, estabelecimento comercial indiscutivelmente um dos mais movimentados da cidade no gênero.

Vastíssima área é ocupada por um moderno prédio, situado à rua XV de Novembro, esquina da rua das Palmeiras, defronte ao antigo prédio onde o sr. Koffke iniciou sua atividade comercial.

A inauguração do estabelecimento contou com a presença de elementos de destaque da sociedade blumenauense, entre os quais salientamos: Dr. Oscar Leitão, Dr. Juiz de Direito Sr. Germano



Beduschi, Sr. Prefeito Municipal Frederico Guilherme Busch, Dr, Paulo Malta Ferraz, Delegado Regional de Polícia, Dr. Luíz de Freitas Melro, Dr. Arão Rebelo, Sr. Oswaldo Gomes da Nobrega, Heitor Ferraz, Frederico Kilian, Saul Duque, Industrial Cássio Medeiros, Aldemar Bleier, Edgar Schneider, Hugo Socher, Werner Garni, Wilmar Luz, José Tavares da Nobrega, comerciantes, industriais e representantes da imprensa.



A Casa de Comércio de Carlos Koffke foi entregue ao público em 1946, estava localizada na esquina da rua XV com a Al. Duque de Caxias, atualmente é ocupada pela Cetil Treinamento.

Tivemos a oportunidade de percorrer as modernas instalações, verificando o bom gosto, a rigorosa higiene e o espírito de iniciativa do sr. Carlos Koffke, que contribui, assim, consideravelmente, para o desenvolvimento da cidade.

Aos presentes foi servida lauta mesa de doces, “Sandwich”, regados a “champanhe” e bebidas finas.

O “Vale do Itajaí”, gentilmente convidado, fez-se representar, fazendo votos ao bem sucedido comerciante para a prosperidade de sua firma em seu novo estabelecimento.

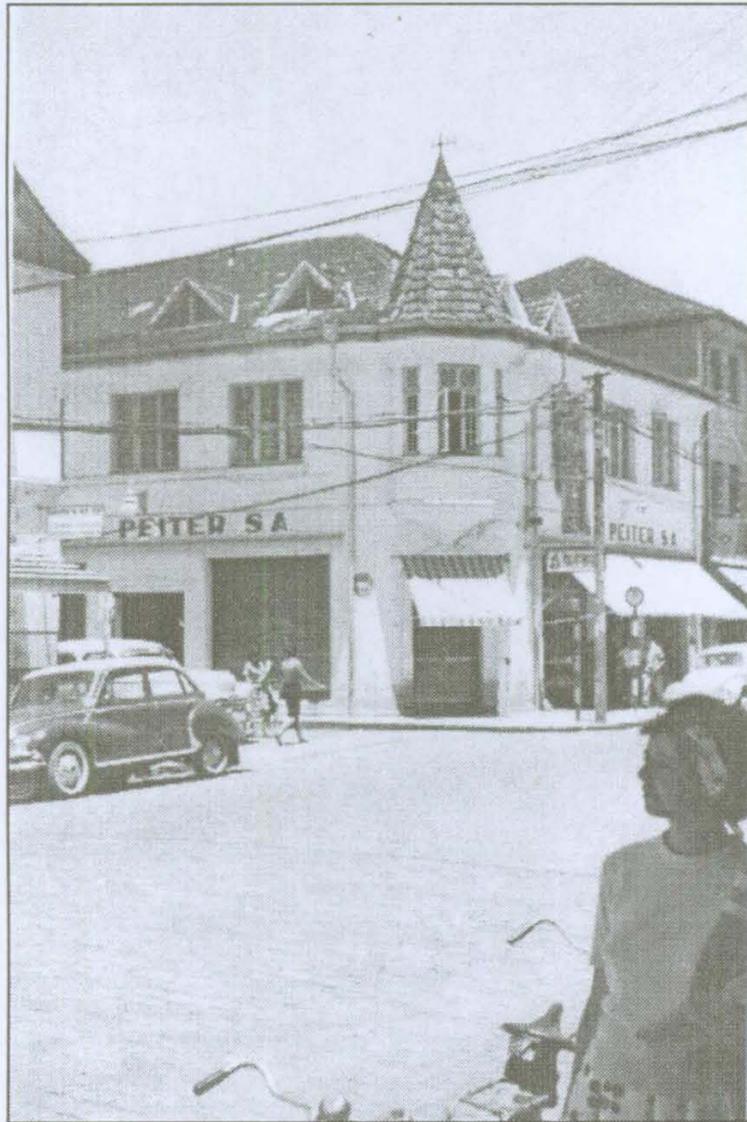
Fonte: O Vale do Itajaí, 25/12/1946, n. 21, ano 21

VISANDO O DESENVOLVIMENTO DE BLUMENAU

A Casa Peiter e a sua projeção no comércio local

Quem visita Blumenau pela primeira vez não pode deixar de se surpreender pelo intenso movimento que se verifica nas ruas da cidade, resultante de um comércio bem organizado, indiscutivelmente um dos mais importantes do Estado.

De fato, numerosas firmas comerciais, com magníficos prédios, vistosas vitrines, contribuem de maneira significativa para a situação, de progresso, que é a principal característica da Blumenau de hoje, moderna e atraente.



Vista da Casa Peiter na década dos anos 60.

Contando com ótimos estabelecimentos, alguns tradicionais pelo nome de seus fundadores, outros recentes, em virtude do desenvolvimento atual, enfileira-se Blumenau entre uma das cidades mais importantes do País, numa legítima demonstração do valor e operosidade de seus filhos.

A artéria principal é a rua XV de Novembro, onde se localizam os principais edifícios do grande comércio local. E dentre eles, destaca-se o importante estabelecimento de modas – A Casa Peiter – cujo nome sobejamente conhecido em todo o Estado, é uma garantia dos artigos que vende em grande escala.

Fundada em 1925 por Ricardo Peiter, sucessor de João Kersanach, atualmente sob a esclarecida orientação da viúva Irene Peiter, conseguiu este importante estabelecimento justo e merecido conceito, contribuindo de maneira destacada para o desenvolvimento de Blumenau.



Rua XV de Novembro – Centro Comercial – década dos anos 40.

Localizada à rua XV de Novembro, nº 553, esquina da travessa 4 de Fevereiro, possui a Casa Peiter belíssimas vitrines que atraem a atenção da sociedade blumenauense, que à noite empresta movimento às ruas da cidade.

Indiscutivelmente é a Casa Peiter um dos fatores do grandes desenvolvimento desta cidade, que vê passar em março mais uma data de sua fundação.

Fonte: O Vale do Itajaí, nºs 7 e 8, Ano I, 30 de setembro de 1945.

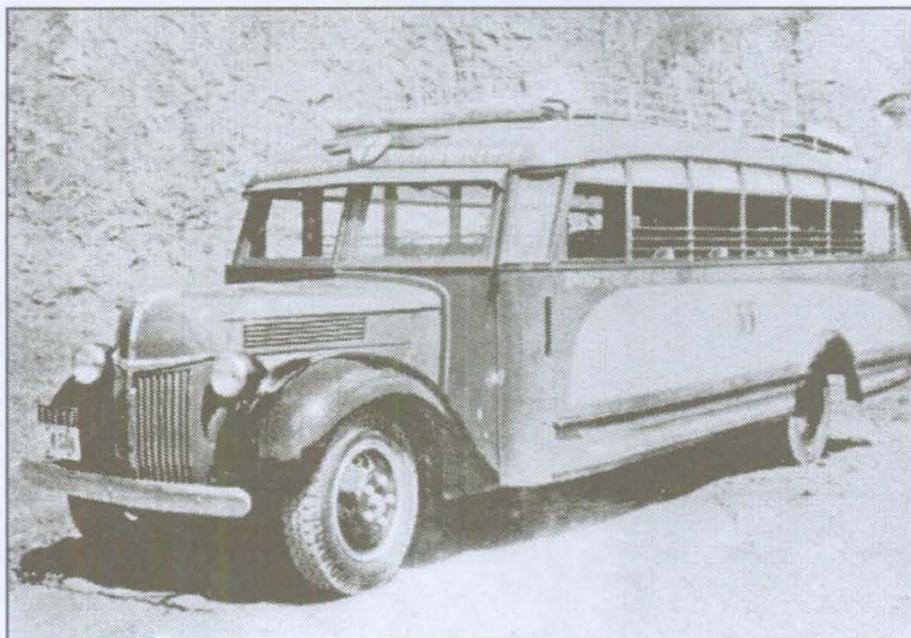
AUTO VIAÇÃO CATARINENSE S.A.

A partir de 1930, destacou-se o Brasil pelo seu surpreendente desenvolvimento, aumentando a produção e mantendo em ritmo crescente o intercâmbio entre os diversos estados, movimento este resultante, da melhoria das condições de vida, provocando a necessidade do escoamento de produtos e transporte de passageiros.

De fato, o sul do país, principalmente em época de guerra, viu as suas estradas de rodagem em constante movimento, estreitando, assim, os laços de amizade entre os paranaenses, catarinenses e gaúchos e permitindo que as cidades progredissem rapidamente, elevando ao máximo o nível de sua produção.

A economia do país lucrou, portanto, consideravelmente e se registrou, também, notável avanço nas relações sociais, permitindo que a regularidade do trânsito se mantivesse inalterável.

Este grande serviço prestado ao país correu, quase que exclusivamente, por conta da Empresa Auto-Viação Catarinense S.A., que, nos momentos mais difíceis provocados pela guerra, manteve as suas linhas de passageiros e transportes, lutando com a dificuldade de material e até mesmo com a falta do combustível indispensável.



Um dos primeiros veículos da empresa Auto Viação Catarinense.

Entretanto, concertando seus carros em oficinas próprias, não deixou a Auto-Viação Catarinense S.A. de fazer com que a ligação entre os Estados do sul fosse interrompida, o que acarretaria à Nação graves prejuízos.

E apesar da situação difícil, equipou-se com carros novos, que diariamente trafegando entre Santa Catarina e Paraná permitiram o desenvolvimento

das relações comerciais, indispensável à melhoria das condições de vida e progresso do país.

Blumenau, que comemora no mês de setembro mais um aniversário de fundação, muito deve à Empresa Auto-Viação Catarinense S.A. a destacada posição que ocupa, como um dos centros industriais de maior importância do país.

Fonte: O Vale do Itajaí, 30/09/1945, no 7 e 8, ano 1

DISCOTECA CARLOS GOMES

Uma iniciativa à altura do progresso de Blumenau

No dia 17 de Maio p. p., teve lugar em Blumenau a inauguração oficial da nova discoteca e seção de músicas da importante Casa Willy Sievert, acontecimento este que merece da nossa parte um comentário especial. De fato, trata-se de um empreendimento que vem colocar esta cidade em plano destacado, ressaltando mais uma vez o elevado grau de cultura do povo blumenauense.

Grande número de pessoas compareceu a esta inauguração, que contou, também, com a honrosa presença do artista plástico, E. Teichmann, escultor de renome e autor do maravilhoso trabalho – Busto de Carlos Gomes – cujo desvendamento se efetuou na ocasião.

Fez uso da palavra o sr. Willy Sievert, proprietário do estabelecimento, que se referiu, inicialmente, à homenagem prestada ao maior compositor brasileiro, dando esta denominação à Discoteca. Teceu um merecido elogio à obra do escultor Ervino Teichmann, artista de indiscutível mérito, cuja exposição recente no Museu Nacional de Belas Artes, do Rio de Janeiro, obteve um extraordinário sucesso. Declarou o Sr. Willy Sievert, entre aplausos gerais: “Ervino Teichmann é indiscutivelmente o maior escultor em madeiras do Brasil e provavelmente um dos maiores no Mundo”.

Fazendo referência à instalação da nova discoteca, mostrou o seu desejo de dotar a sua cidade natal – Blumenau – de uma organização capaz de satisfazer às exigências dos cultos discófilos e amantes da música na região. Lembrou, a seguir, o seu passado de intenso trabalho diurno e noturno, até chegar ao ponto atual. Recordou o seu primeiro pedido de discos (uma dúzia) em 1931, iniciando, assim, a exploração deste ramo de atividade, que

embora um pouco ingrato, sempre lhe trouxe grande satisfação por se tratar da mais sublime de todas as artes: a divina música. Com o correr dos tempos foi formando uma selecionada clientela, fazendo o possível para servir os seus inúmeros fregueses, selecionando pedidos às fábricas de músicas do melhor repertório nacional e estrangeiro. Jamais permitiu o menor descuido em sua casa comercial, verificando os discos recebidos, um a um, separando os que apresentavam qualquer avaria, para liquidação a preços reduzidos. Reportou-se à instalação de sua primeira discoteca, em 1934, com capacidade para 600 discos, substituída em 1944 por outra com capacidade para 4.400 discos. E a atual, a ser inaugurada, em seção separada, permitirá 8.400 discos. Há mais de 10 anos lhe foi confiada a distribuição exclusiva de diversas marcas nacionais, para esta cidade e municípios vizinhos, e recordando este período difícil, porém, de próspero desenvolvimento sente-se na obrigação, que é para si um grato dever, de expressar publicamente a sua profunda gratidão à figura venerável de seu pai, também presente.

Orgulhava-se de ter recebido dele o preparo necessário para seus esforços posteriores. Filho de um dos primeiros imigrantes colonizadores de Blumenau, com 72 anos de estadia nesta bendita terra, à qual dedicou todo o amor de seu coração, embora tivesse que lutar duramente com toda a sua existência, conhecendo bem o fundador da cidade, Dr. Blumenau e o cientista, Dr. Fritz Müller, em cuja casa trabalhou 2 anos, pôde o seu bondoso pai lhe proporcionar a melhor instrução possível naqueles tempos. Dele recebera, de presente, um instrumento musical e com verdadeiro sacrifício, estudara música, o que influiu decisivamente, mais tarde, para o início deste ramo de negócio.

Estendia, também, os seus cordiais agradecimentos à sua antiga e primeira auxiliar de seção de discos, a culta srta. Wally Lippel, que tantos serviços prestou na escolha de bons discos, graças ao seu fino gosto e bons conhecimentos musicais; à srta. Irma Blank, atual e principal encarregada da seção; à srta. Edeltraud Buerger, que vem cooperando com muita inteligência na elaboração dos pedidos; à srta. Myriam Kreibich, que vem demonstrando aptidão no desempenho de suas funções e finalmente aos srs. Arno Letzow e Edmundo Hinsching, aos quais, em sua ausência, têm cabido as decisões e responsabilidades.

Externava, ainda, seus profundos agradecimentos aos fornecedores de músicas, às Indústrias Elétricas e Musicais, Fábrica Odeon, que sempre atenderam às suas sugestões com a melhor boa vontade, chegando mesmo

ao ponto de buscar matrizes de fora para serem, então, fabricadas no Brasil. E destacava o amável trato com que tem sido distinguido pelo digníssimo diretor desta fábrica, Sr. Strauss, bem como o procurador da mesma, Sr. Bodansky, para os quais dispensava particular estima e consideração.

Incluía em seus agradecimentos a seção de discos da Casa Victor Radio S.A., a importante firma Byington, que tinha sido a sua primeira casa fornecedora, com os antigos discos Colúmbia, hoje fornecedora dos discos Continental.

E finalizando as suas belas palavras, congratulava-se com as pessoas presentes, dizendo-se satisfeito por contribuir, embora em pequena parcela, para o progresso de Blumenau, e, assim, da nossa querida pátria brasileira.

As últimas palavras do Sr. Willy Sievert foram abafadas por calorosa salva de palmas.

Falou, a seguir, o Dr. Osias Guimarães, diretor da revista “O Vale do Itajaí”, tendo o Sr. Curt Hering efetuado o desvendamento do busto de “Carlos Gomes”, ouvindo-se, na ocasião, a “ouverture” da ópera Guarani, do consagrado maestro brasileiro.

Aos presentes, foi servida lauta mesa de doces e bebidas finas.

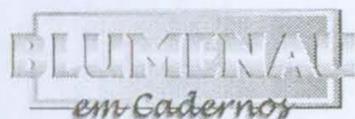
A revista “O Vale do Itajaí” congratula-se com o Sr. Willy Sievert por este auspicioso acontecimento, apresenta seus cumprimentos por esta louvável iniciativa que honra sobremodo o desenvolvimento artístico de Blumenau.

Fonte: O Vale do Itajaí, nº 27, ano III, junho de 1947

Histórias ao redor da fogueira do acampamento

O fantasma da “Barra Morta” *Última parte*

Texto:
*JOSÉ DEEKE**



Nas duas edições precedentes desta “revista”, foram publicadas, respectivamente, a primeira e segunda partes do conto “O fantasma da Barra Morta” que, com a presente divulgação encerra o capítulo. Trata-se da publicação, em português, de excertos extraídos da obra inédita, escrita em língua alemã, “Am Lagerfeuer” (Ao redor da Fogueira do Acampamento) do historiógrafo José Deeke, que as desenvolveu em 1925, romanceando, em vinte e quatro capítulos, histórias acerca do cotidiano regional catarinense

O autor, José Deeke, ao intitular sua obra, inseriu-lhe a extensão explicativa : “Acontecimentos vivenciados em viagens e contos ouvidos em volta da fogueira, (No original: “*Reiseerlebnisse und Erzählungen am Lagerfeuer*”) donde se infere que os tenha anotado, durante suas peregrinações no exercício da atividade de topógrafo. A coletânea de contos seqüenciais reunida no “Am Lagerfeuer”, remete a historietas locais e da região serrana, que certamente integraram as narrativas dos “causos” e do folclore da segunda metade do século passado o do primeiro decênio do presente. Acreditamos tratar-se de um dos mais preciosos legados de contos regionais, os quais por mérito e pela precissão deverão, necessariamente, rivalizar, pelo menos no âmbito do antigo território colonial, com as obras de Monteiro Lobato e José de Alencar.

Cumprе esclarecer que o conto “O fantasma da Barra Morta” consta do terceiro capítulo incluso da terceira parte da obra “Am Lagerfeuer”. No quinto e último capítulo denominado “Disposições Coincidentes do Destino” o autor dá continuidade ao enredo de “O fantasma da Barra Morta” quando então, revigorando a historieta, infunde ao episódio um matiz de “final feliz” ao conferir-lhe um desfecho inusitado.

* José Deeke – agrimensor e cartógrafo. Autor de livros e numerosos artigos sobre a região do Vale do Itajaí. Sua obra mais famosa intitula-se: “O Município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento”, publicada originalmente em alemão pela editora Rotermund & Cia. (São Leopoldo, 1917, em três volumes); e, em 1995, em português (Blumenau, Editora Nova Letra).
Tradução: Edith S. Eimer / Niels Deeke.
Notas de fim e apresentação redigidas por Niels Deeke.

O fantasma da “BARRA MORTA” (continuação da edição anterior – Parte final)

Eu havia solicitado, por carta, a um pequeno comerciante do Rio, meu conhecido no passado, que alugasse para mim uma pequena casa localizada um pouco afastada do centro, a fim de que pudéssemos imediatamente ocupar a moradia junto com nossos pertences, mercadorias, sacos e pacotes. Desta forma não precisaríamos ficar em qualquer hotel e manteríamos junto de nós os volumes da bagagem, pondo a salvo nossa preciosa carga, o que não deixava de dar alguma tranqüilidade.

A sucessão dos acontecimentos deu-se conforme o programado e ainda fomos especialmente favorecidos pela sorte quando neste ínterim o ouro subira vertiginosamente de preço, dobrando o seu valor. A perda dos juros causada pelo longo tempo em que o tesouro permaneceu inativo, foi conseqüentemente compensada.

Minha primeira providência após efetuar o câmbio, foi depositar o dinheiro em várias casas bancárias. Depois que troquei a última moeda de ouro, remeti ao senhor Moreira a quantia devida a título de liquidação do empréstimo e paguei adiantadamente o curso das crianças em boas instituições de ensino, pois assim antes do término de um ano não precisaria fazer novos pagamentos. Resolvi por isso centralizar todos os depósitos num único Banco sólido, pelo prazo de um ano, pois assim procedendo receberia juros mais elevados.

Ainda não havíamos arrendado a *fazenda* porque até então não encontráramos arrendatário. Por isso tudo continuava como dantes - o pessoal e o gado. O senhor Moreira nos prometeu cuidar dela por breve tempo, e caso não aparecesse logo alguém que se dispusesse a tomá-la em arrendamento ou mesmo algum interessado na compra de todo o inventário dos bens vivos, móveis e imóveis, eu então seria obrigado a voltar para administrar o patrimônio.

O meu retorno não seria o pior que poderia me acontecer, mas para minha mulher a simples idéia de sair de perto das crianças a aterrorizava, e afinal nós também não queríamos nos separar.

Entrementes um senhor interessado, dirigiu-se ao Rio para pessoalmente fazer uma oferta pela *fazenda*. Para nós isso foi uma surpresa - não esperávamos tamanho interesse, porque naquela região onde se situava a *fazenda*, se vendia, naquela época pouca terra; quem as desejasse simplesmente se assentava onde havia lugar ⁽¹¹⁾ Assim compravam exclusivamente as benfeitorias, como construções e semelhantes. Por isso, me surpreendi com o interesse do homem que poderia comprar o gado e as plantações, arrendando o restante sem precisar despender qualquer capital.

Minha esposa estava de acordo com a venda da *fazenda* - e Aída à qual perguntamos se igualmente assentia, não fez qualquer objeção. Não obstante todos estarem acordes, a questão não seria tão fácil de resolver - pois Aída, minha enteada, ainda era menor de idade e o Juiz de órfãos, menores e ausentes, de Santíssimo Sacramento, precisaria, conforme a lei, ser ouvido e dispor sobre o destino do produto da venda, referente à parte que tocava à filha de minha mulher.

Por isso procurei convencer o homem a comprar somente o gado e as plantações, arrendando o imóvel por baixo preço conforme propus, acreditando firmemente que o interessado aceitaria. Entretanto o homem nem sonhava com tal hipótese e durante as tratativas fiquei sabendo a razão porque nem mesmo faláramos sobre o preço dos bens que pretendia adquirir. O pretendente queria aproveitar-se da minha situação, sabedor que era da dificuldade que eu tinha em administrar a *fazenda*, motivada pelo meu distanciamento do local. Sua intenção era apoderar-se de todo o patrimônio por pouco dinheiro. Pelo gado e plantações, entretanto ofereceu-me preço razoável e de conformidade com os praticados no mercado em geral. Já pelas benfeitorias a oferta foi muito menor e, pelas terras propriamente ditas nem as considerava para efeito de atribuição de qualquer preço, julgando-as sem valor. Sobre as eventuais dificuldades na transferência, o homem nem quebrava a cabeça.

Feito o negócio, eu deveria apenas confirmar a operação por escrito, explicitando que eu, minha mulher e Aída renunciávamos a seu favor, todos os direitos sobre a *fazenda* e outorgar-lhe uma procuração legal. Quanto ao resto ele resolveria sozinho.

Mais uma vez consultei Lisbeth e chegamos à conclusão que seria melhor vendermos a *fazenda*. Caso não aceitássemos a oferta, teríamos que continuar arcando anualmente com seus custos para manter as instalações e o gado, pois, neste país, não era possível manter uma propriedade agrícola sem que a constante presença do proprietário, com suas medidas administrativas, a levasse a produzir. E caso procedêssemos a sua manutenção exclusivamente através da mão de obra paga, aos poucos a força de trabalho esmoreceria e a perda de produtividade acabaria por levá-la à bancarrota.

Motivados por tais razões concordamos na transação e quando caiu a noite tínhamos alguns milhares de mil-réis na nossa caixa, malgrado não possuímos mais a *fazenda*.

Comecei a procurar um emprego, mas nenhum que me agradasse consegui encontrar. Contudo não havia tanta pressa - ainda não passávamos necessidade.

Numa determinada noite, quando cheguei em casa, minha mulher estava sentada à mesa pensativa e olhando um papel. Havia procurado algo na gaveta e dera com os comprovantes dos depósitos em diversos bancos, e capeando os múltiplos recibos, distinguia-se o documento comprobatório de que todo o numerário estava empregado em um único banco, em meu nome, pelo prazo de um ano.

-Gerhard, disse minha mulher - aqui no papel nada consta sobre Aída - mas o dinheiro não pertence somente a ela ?

Muito bem, pensei - agora vai recomeçar toda a ladainha - mas com voz grave lhe disse:

- Certamente pertence à Aída - pelo menos em sua maior parte. Porém atente para o fato de que com todas estas operações, em dinheiro, que tive ultimamente de fazer, achei melhor agir em meu próprio nome.

Lisbeth concordou. - Sim, respondeu anuindo, - quanto a isto reconheço que facilitou as muitas operações. Mas agora estando o dinheiro todo reunido num só

Banco e que o aplicou pelo prazo de um ano, agrupado numa única conta, isto deveria ter feito em nome de Aída....

– Meu Deus, exclamei ofendido. – Que mal há nisto, se o dinheiro por algum tempo ficar em meu nome? Será que desconfia de mim ou porventura será Aída quem perdeu a confiança na minha pessoa? Só posso responder que está longe de mim furtar algo de Aída...

– Pelo amor de Deus, Gerhard, interrompeu minha mulher implorando, – não se exalte tanto com este negócio. Eu desconfiar de você? Como pode pensar uma coisa dessas? E sobre Aída muito menos? – Você sabe muito bem o quanto o ama e respeita. Há alguns dias ela achou quase degradante para seus direitos paternos, quando lhe pediu para opinar e dar sua anuência para a venda da *fazenda*.

– Pois veja, até ela não fez objeções, disse eu novamente tranqüilo. – Deixemos tudo por enquanto como está. Mesmo que eu quisesse nada mais posso fazer até o término do prazo, mas os direitos de Aída serão respeitados de qualquer maneira.

Com isto o assunto aparentemente ficou resolvido. Jantamos e depois ficamos ainda por algum sentados à mesa - Lisbeth com um bordado e eu com um jornal que durante o dia tinha comprado no mercado.

Todavia enquanto olhava o jornal e fingia que o lia, idéias nervosas passavam por minha cabeça. Teria eu sido correto ao aplicar o dinheiro em meu nome? Não! Não era justo - não deveria ter feito isto. Mas por outro lado não tinha más intenções com Aída e quanto aos juro, a estes eu fazia jus. Que mal haveria se na caderneta bancária constasse o meu nome e não o de Aída? Havia feito a operação financeira sem pensar muito e não poderia modificá-la, pelo menos assim pensava, e para ser sincero, com tais pensamentos, sentia como que uma secreta alegria.

Quando fomos dormir minha mulher logo adormeceu tranqüila, porém eu rola-va na cama sem poder dormir sempre pensando a respeito do assunto dinheiro.

Foi então que repentinamente percebi, diante da minha cama, o “espírito” da *Barra Morta*.

Fixava-me com seu olhar raivoso e continuamente murmurava : “.. *para Aída...., só para Aída...*” e desta vez podia ouvi-lo nitidamente, suas palavras eram audíveis com toda clareza.

A calma e serenidade com que antes o enfrentara, tinha terminado. Um suor frio brotava-me de todos os poros, e meus ouvidos zuniam e sibilavam tão fortemente com o tilintar dos metais, como nunca acontecera antes. Teria a aparição do “espírito” permanecido mais tempo que antes? Isso não sei - só posso dizer que pareceu uma eternidade.

Finalmente a aparição se desvaneceu e meu abalo nervoso passou, mas me sentia tão fraco e abatido que caí num sono profundo do qual só acordei tarde da manhã seguinte.

Nas noites subseqüentes o “espírito” retornou. Lá ele não transpunha a porta, como na *Barra Morta*. No Rio de Janeiro ele transfixava pela janela que estava hermeticamente fechada, sempre quando minha mulher já estava dormindo.

O meu estado físico e mental era sempre o mesmo - suor frio, aquele zunido metálico e sibilante nos tímpanos...Eu precisaria apenas acordar Lisbeth, - tinha a certeza de que se o enfrentássemos juntos, como dantes, minha calma se restabeleceria. Mas por que perturbá-la? Certamente também iria sofrer, por isso resolvi poupá-la. Já era bastante que um de nós carregasse aquela cruz. Além disso tinha um certo receio das acusações que Lisbeth, com toda a certeza, faria dizendo :

- Veja Gerhard ! Isto acontece por não ter aplicado o dinheiro em nome de Aída!

Acabei ficando doente com a fraqueza provocada pelas agitações noturnas. Minha mulher ficou muita aflita e seriamente preocupada comigo e eu próprio percebi que daquela maneira não poderia continuar.

Se eu ao menos tivesse procurado o diretor do banco e lhe pedido para transferir meu "conto de réis" para o nome de Aída - o que creio que ele pudesse fazer, pois o banco nada perderia com isto, mas eu me envergonharia por demais, e não teria suportado o sorriso de compreensiva cumplicidade do banqueiro.

Entrementes ocorreu-me uma idéia. Preenchi uma nota promissória em favor de Aída, no valor da soma depositada em dinheiro no banco e, depois de legalizá-la num cartório, certa noite a entreguei à Lisbeth para que a guardasse.

Na oportunidade em que entreguei aquele título, ela não sabia exatamente o que o papel significava e mirou-me interrogativa, por isso lhe expliquei :

- Sabe Lisbeth, a minha saúde está um pouco combalida e poderia acontecer que viesse a provocar um prejuízo para Aída.... com o dinheiro no Banco....se eu.... sim, se eu morresse repentinamente. Por isto emiti esta nota promissória. Guarde-a bem, e se por acaso.....

Adiante não pude ir - Lisbeth não permitiu que eu prosseguisse. Deu um grito e enlaçando-me o pescoço chorou. - Gerhard, querido, lamentou - se sente tão doente a ponto de pensar seriamente na morte ? Vamos logo à procura de um médico!

Tranqüilizei-a dizendo : - Tão grave não é, e nem mesmo deveria ter falado em morte. Mas na verdade todos nós deveríamos pensar nela, pois os desígnios de Deus são imprevisíveis, além de ser muito real a antiga sentença popular : "*Hoje corado, amanhã velado*"⁽¹²⁾ Por isto deve aceitar a nota promissória e guardá-la numa gaveta, espero que não a precise, mas isso alivia a minha alma.

Ouvindo isto minha mulher encarou-me cheia de compaixão e carinho - ela sabia o que se passava dentro de mim.

A receita surtiu efeito, o fantasma não retornou e não demorei a sentir-me tão bem e saudável como antes. A felicidade voltou à nossa casa.

O tempo fluía rápido e o prazo para que pudesse retirar toda a fortuna do banco se aproximava, mas com isto voltaram as preocupações. Não que eu ainda tivesse dúvidas em nome de quem fazer o novo depósito - quanto a isto estava decidido - o faria em nome de Aída. Mas de que maneira e onde praticá-lo me dava muito o que pensar, pois no atual banco depositário não poderia fazê-lo, porque lá rendia muito pouco, em juros.

Poucos juros, dirão? - Sim, os juros anuais não representavam o suficiente, para, conforme minha pretensão, conseguir pagar não só o que fosse preciso para a manutenção dos filhos, mas também queria economizar ainda, aumentando o próprio capital. Aída era uma boa menina, esforçada e bastante dedicada - mas era ainda demasiado jovem, porém prometia tornar-se um dia uma moça muito bonita.

Quando chegasse a época oportuna, viriam os pretendentes e caso se tornasse público que ela era rica, então os jovens arderiam de amor. Sim, e nisso tudo seguiria o caminho costumeiro....noivado ...casamento.... e mediante o enlace matrimonial Aída alcançaria a maioridade legal - o dinheiro pertenceria a ela e ao marido. Quanto a nós, nada teríamos!

Não era o caso de recear por mim e minha mulher, para ambos eu poderia ganhar o suficiente para o sustento, mas com Feliciano seria diferente. Era um aluno aplicado, havia no último exame ultrapassado etapas e sobrepujado toda sua classe, saltando um ano inteiro à frente. Seus professores o admiravam e profetizavam-lhe um futuro próspero e fecundo na carreira escolhida - ele pretendia estudar medicina. Todavia o estudo custava muito dinheiro e apesar de minha confiança em obter o sustento para mim e minha mulher, não tinha tanta certeza de que pudesse custear o aprendizado do curso superior que Feliciano pretendia seguir na carreira profissional.

Motivado por tal preocupação precisava aplicar o capital de Aída, onde rendesse tanto lucro quanto fosse necessário para vivermos e ainda sobrasse para as despesas do curso da faculdade de Feliciano. Poderia eventualmente ocorrer que Aída já casasse em três ou quatro anos, por isso os juros teriam que ser bastante elevados, possibilitando que além de custear tudo, ainda sobrasse algo para o futuro de meu filho.

Enquanto pensava no problema, eis que o acaso veio em meu auxílio. Fundaram uma instituição financeira que procurava captações com resgate a longo prazo. Nessa carteira os depósitos somente estariam novamente disponíveis depois de seguidos pré-avisos e ainda assim só parcialmente poderiam ser sacados, mas em compensação o banco pagaria mais do dobro em juros que qualquer outro similar.

Como seria de esperar, as demais instituições bancárias não viam com bons olhos este novo banco concorrente que lhes tirava muito capital em depósitos, e espalharam boatos que o desacreditavam. - Calote - tudo engodo, diziam. - Como poderiam pagar juros tão elevados?

Mas os funcionários do novo banco, tinham explicações para quem desejasse ouvir, demonstrando como o pagamento de juros, tão altos, era possível.

Quando o capital de Aída foi liberado no antigo estabelecimento, fiz a retirada levando-o ao dito banco, cujo depósito fiz em nome de Aída e pedi a devolução da nota promissória à Lisbeth. Este foi um dia feliz para ambos e a alegria para mim tinha outro motivo. Eu estava contente porque receberia juros elevados. A minha mulher estava satisfeita porque finalmente o capital estava em nome de Aída. Sobre os boatos que circulavam na praça a respeito do novo banco, Lisbeth nada sabia.

Para minha grande surpresa na noite seguinte tornou a aparecer o “espírito”, mas não se apresentou como de costume e também não murmurava. Ficou olhando-

me de frente, fixamente, por algum tempo com seus olhos injetados de puro ódio e nisso tornou a desaparecer. Não fiquei tão nervoso como antes e, sem contar com o suor de medo, no mais permaneci calmo. O que pretendia ele ainda? O dinheiro não estava agora depositado em nome de Aída? A aparição voltava regularmente a cada três dias e sempre revelava-se quando minha mulher dormia. De início supus que com o passar do tempo me acostumaria, mas o suor frio não deixava de me castigar.

Nesta época as crianças já haviam passado suas férias em casa. Feliciano tinha retornado à escola, mas Aída ficou conosco. Ela não gostou do pensionato e também não era necessário que se tornasse uma erudita. Comprei um piano e contratei um professor particular que regularmente lhe ministrava aulas em todas as matérias necessárias. Nas horas vagas ela ajudava minha esposa, tocava piano e cantava. A casa tornou-se feliz e acalorada desde que a querida menina permaneceu conosco. Só me incomodava o “espírito” que não me largava.

Feliciano vinha todos os domingos visitar-nos, e estes dias sempre eram os mais alegres para todos. Os dois jovens se adoravam, um procurava ler nos olhos do outro os desejos e o mesmo amor demonstravam pelos pais, tal como quando ainda eram crianças.

Infelizmente não pude aproveitar toda esta felicidade pois o “espírito” não me deixava em paz com seus olhos fosforescentes a transbordar de ódio, mas o que fazer? Eu não via saída e tive que suportá-lo, podendo dar-me por feliz que Lisbeth até então nada havia percebido da ocorrência. Desta forma pelo menos ela pôde aproveitar toda aquela felicidade que, por algum tempo, foi plena.

Mal havia decorrido meio ano desde que apliquei o capital sob a nova condição financeira, quando no Rio eclodiu um surto de febre amarela ⁽¹³⁾ tão violento quanto jamais antes ocorrera.

Acreditávamos que em virtude de morarmos pouco afastados do centro da cidade, estivéssemos livres do contágio dessa doença, mas nos enganamos, pois nossa família foi a primeira, naquela região, a ser atacada pela epidemia.

Primeiro caiu doente a empregada negra que logo mandei internar num sanatório, tentando, desta forma, prevenir-nos do contágio. No entanto isto de nada adiantou porque, já no dia seguinte, minha mulher e Aída foram vitimadas pela febre.

Não procurei médico algum, isso porque tinha receio de que viessem buscar meus entes queridos para interná-los num dos mal afamados hospitais. Além do mais o que um médico poderia fazer? O tratamento dos doentes da febre amarela já era de todos conhecido e um enfermeiro melhor que eu, dificilmente encontrariam, porque naquela terrível época todos os bons profissionais da enfermagem disponíveis, foram requisitados para trabalhar em outros lugares.

Não desejo que interpretem esta minha colocação como um sentimento espúrio de auto valorização, pois quando digo que me esforcei ao máximo, dando tudo quanto pude de minha capacidade física, o fiz efetivamente até a exaustão em favor de meus entes queridos.

Mas como não havia quem me substituísse, tive que ficar, dia e noite, a postos e, por mais forte que seja o ser humano, não há quem agüente - mormente caso seus nervos estivessem tão atacados quanto os meus. E talvez tenha até sido providencial que um dos vizinhos avisasse a polícia sanitária que acabou simplesmente removendo Lisbeth e Aída para um hospital.

Mal a ambulância partiu levando meus entes queridos, caí de cama -de cansaço-pensei; mas quando a comissão de sanitaristas voltou no dia seguinte para desinfetar a casa, encontrou um doente desmaiado.

Quando acordei estava no isolamento de um hospital bem afastado do centro urbano. Meu estado físico era de incrível debilidade e se o enfermeiro não tivesse interferido, teria caído no sono novamente. Ele falava constantemente, procurando me distrair e despertar meu interesse - comentando sobre a minha doença e de como me encontraram em casa etc..

Assim procedendo fez com que minha memória despontasse, e logo lembrei-me de Lisbeth e Aída. Foi como se uma faísca elétrica me houvesse atingido, e ansioso indaguei por elas.

- Onde estão minha mulher e minha filha? Inquiri, dirigindo-me ao enfermeiro com voz muito fraca.

Este sorriu para mim satisfeito. Estava feliz por ter conseguido despertar em mim a vontade de viver. Mas não pôde dar qualquer resposta à minha pergunta; o quanto sabia era que tinham me encontrado desmaiado quando foram desinfetar a casa.

Contei-lhe que Lisbeth e Aída foram levadas no dia anterior e estava admirado de não me encontrar junto delas no mesmo hospital. Nisso soube pelo enfermeiro que minha doença não era febre amarela, mas sim tifo e conseqüentemente fui levado a outro nosocômio.

Meu interesse pelo paradeiro das duas, tinha, de início, sido moderado, entretanto quanto mais passava o tempo minha incerteza crescia e buscava com veemência saber do paradeiro de minha mulher e Aída. O plantonista prometeu telefonar à procura de informações da minha família nos hospitais da região em que morávamos, mas o resultado foi muito triste, pois as informações obtidas eram invariavelmente idênticas. Com o acúmulo de serviços das comissões sanitárias, durante os piores dias, as internações nos hospitais não foram precedidas dos registros ou de anotações da identidade de cada uma das vítimas que recolhiam aos milhares. As administrações hospitalares só podiam dar informações mediante sua coleta posterior junto aos próprios pacientes e muitos destes, quando indagados, não tinham condições de prestar informações e em outros casos os próprios funcionários disto haviam se esquecido e por isso os internados só constavam nos prontuários indicados por números.

Minha mulher e minha filha, assim comunicou o hospital, tinham morrido vítimas da febre amarela, pois dentre os que se recuperaram e ainda se encontravam no hospital, não havia quem tivesse aqueles nomes.

Informaram ainda que não havia qualquer nome parecido com o das pessoas procuradas e que tivessem deixado o hospital, buscadas por suas famílias ou de outra forma qualquer.

Fiquei inconsolável, mas não perdi as esperanças e aventava a hipótese de que Lisbeth e Aída pudessem ter sido levadas a qualquer outro hospital, o que não deixava de ser possível porque o existente perto de nossa casa já estava superlotado, podendo ainda ter ocorrido outro motivo qualquer.

Continuei incessante as buscas e malgrado todo meu empenho, não obtive qualquer notícia dos seus paradeiros. Os dias transcorriam disparados e num destes, Feliciano, veio visitar-me.

Ele não havia sido atacado pela febre, disso eu já sabia. Quando o vi, invadiu-me o sentimento da grande perda que sofri. Feliciano já sabia de tudo e pessoalmente também fez o possível para encontrá-las, mas foi tudo em vão - sempre recebíamos a triste confirmação de que nossas duas queridas tinham morrido.

Meu filho ficou terrivelmente abalado e chorava muito. Eu próprio, que já havia sofrido tanto, fiquei ainda mais perturbado e quando enfim ele retirou-se, foi para mim até um alívio - pude então acalmar-me, um pouco, recolhendo-me à minha solidão.

Lentamente comecei a me preocupar com o futuro - naqueles dias de profundo pesar me ocupava quase exclusivamente com o passado, e me lembrei da fortuna de Aída que estava por assim dizer “pendente no ar”, com a sua morte. Entretanto eu tinha o direito de dispor daqueles bens, ninguém mais sabia da sua existência e eu poderia lançar mão deles como bem entendesse. Uma idéia tentadora me veio à cabeça. O que aconteceria se incontinenti passasse tudo para o meu nome? Isso seria justificável para custear todos os estudos de Feliciano! Mas não! O sentimento da moral e do direito logo me recriminou e o bom senso prevaleceu sobre outras intenções - que se me afiguravam como praticamente um furto. Entretanto a uma coisa tinha direito, que era o usufruto da fortuna, poderia aproveitar seus rendimentos enquanto fosse possível.

À noite o “espírito” tornou a aparecer e achegou-se bem próximo a mim, fuzilando-me com seus olhos incandescentes e a murmurar .. “...para Aída ,só para Aída....”.

Após sentir-me suficientemente recuperado para deixar o hospital, aluguei um quarto de pensão na cidade, pois estando nossa residência desabitada por tanto tempo, foi novamente locada, e comecei pessoalmente a procurar em todos os hospitais por Lisbeth e Aída.

Foi tudo em vão e meu esforço inútil.

Neste entretanto solicitei, ao banco, um adiantamento sobre os juros para poder honrar diversos compromissos, principalmente em favor de Feliciano. A bem da verdade com meu pedido tinha ainda outro objetivo, desejava sondar a respeito da situação financeira daquela instituição bancária, pois novamente circulavam boatos de sua breve insolvência. Sem embargo trataram-me com toda gentileza, efetuaram o adiantamento solicitado e ainda prontificaram-se a antecipar mais dinheiro caso preci-

sasse, afirmando que seria um prazer satisfazer imediatamente minhas necessidades financeiras.

Logo nos primeiros dias, depois que saí do hospital, sem dúvida abusei demasiado de minha saúde e a contrapartida não demorou a se fazer sentir. Fiquei fraco e tive novamente que me recolher à cama. Era uma situação desagradável e monótona e a única pessoa que se incomodava comigo era a dona da pensão que, vez por outra, ia me ver, mas isso muito raramente.

Certa manhã depois da dona da casa me servir o café e abrir um pouco a janela - chamou-me a atenção a voz alta de um jornaleiro, lá na rua a anunciar seu jornal. Pareceu-me ter ouvido algo relativo à liquidação de um banco - e por isso prestei mais atenção. Não havia me enganado - o rapaz convocava o público a ler seu jornal que trazia a sensacional novidade da “quebra” do “Banco do Povo”.

Quase desfaleci! Era justamente o meu banco - a instituição onde havia depositado o dinheiro de Aída. Suor frio e calafrios cobriram meu corpo e me parecia ver o “espírito da *Barra Morta*” na minha frente, rindo em deboche.

A meu pedido a dona da pensão foi comprar-me um jornal. Ao lê-lo fiquei longo tempo sentado, olhando sempre para a mesma parte do papel. Lá constava bem legível, claro - curto e preciso :

“*Quem não quer ouvir, precisa sentir na própria carne*” - sim , este era o cabeçalho impresso no jornal.

A matéria comentava a situação dos inúmeros desafortunados depositantes que tinham sido atingidos com o fato da descoberta do “calote” sobre o qual haviam constituído a nova instituição, declarando que sua falência era total - quem lá colocou seu dinheiro, certamente jamais receberia, sequer, um vintém de volta.

Como que fulminado por um raio, fiquei paralisado a pensar : “E não é que aconteceu mesmo? Se pelo menos tivesse deixado o dinheiro no primeiro banco! De que me adiantava agora a promessa de juros elevados?”

Nisso lembrei-me de Feliciano. Pobre rapaz! Senti uma dor profunda -pois ele não poderia mais estudar. E eu, que tanto almejava para ele um futuro promissor - algo maior em sua vida profissional, até mesmo Lisbeth e Aída sonhavam construindo os mais belos castelos para o futuro de Feliciano.

Mas então tudo acabou - foi mesmo tudo por águas baixo. Tudo? Não, ainda não, eu ainda tinha a ele próprio, o meu querido filho. A partir daí precisaríamos ficar ainda mais unidos e passaríamos a viver alimentados das lembranças de nossos entes queridos que desapareceram.

A pensão estava paga para todo ano, mas eu queria seguir o meu caminho, no entanto precisava antes esclarecer meu filho, imediatamente, de toda a situação. Que o rapaz ainda estudasse pelo tempo que já estava pago - ou seja, se ele assim quisesse, porém eu precisava pô-lo a par da nossa nova condição financeira, ainda naquele mesmo dia. Feliciano não poderia viver, nem mais um minuto, iludido e pensando que fosse um moço rico.

Quando a dona da pensão me trouxe a merenda, lhe dei uma carta dirigida ao diretor do ginásio, na qual pedia que me mandasse o rapaz ainda na tarde daquele mesmo dia, pois necessitava fazer-lhe um comunicado muito importante. Levando a carta, a mulher prometeu fazer chegá-la a seu destino através de um mensageiro.

Às três horas da tarde Feliciano estava à minha frente. Durante a espera pensei como seria o encontro, se ficaria contente ou contrariado, enfim como me trataria! Nosso encontro no hospital havia sido à distância, porque eu ainda estava muito debilitado e o risco de contágio não fora de todo afastado. “Mas hoje - pensei seria diferente”. E ali estava ele - magro, e com o rosto marcado pelo sofrimento, perguntou-me com uma voz apática ao estender-me a mão :

– Você mandou-me chamar, meu pai, o que deseja de mim?

Senti como que um golpe de punhal no coração, ao ouvi-lo fazer a indagação tão friamente.

– Você está doente, meu filho? Perguntei com voz rouca.

– Doente, respondeu devagar e sem modificar o rosto tristonho, – doente talvez também esteja – mas é uma doença que médico algum pode curar, contudo não é tão perigosa quanto seria de supor – é o coração, a tristeza por minha querida mãe e a mágoa de ter perdido Aída. E sem mais, começou a soluçar.

– Sabe meu pai, o que me prende ainda a esta vida? O Estudo - se não o tivesse, não sei o que aconteceria!

– Passou-me um calafrio, de alto a baixo, pelo corpo. Por mais que ficasse contente com seu entusiasmo pelo estudo e seu rápido avanço na escola - naquele momento teria sido mil vezes melhor se me dissesse : – Pai, não quero mais estudar, a escola já não me agrada mais.

Porém a realidade era bem outra. Tinha no estudo seu único amparo! Por algum tempo ainda poderia ficar na escola e mais tarde, quem sabe eu conseguisse os meios para pagar o aprendizado. Não obstante ele deveria saber que deixáramos de ser ricos.

Meu filho, comecei, – mandei-o chamar para comunicar algo muito grave.

Parei por um momento pensando que Feliciano, ficando curioso, fizesse alguma rápida pergunta, mas ele nem se moveu, permaneceu sentado sem demonstrar qualquer interesse e então continuei ;

– Talvez não fosse o momento apropriado, mas eu não gostaria que continuasse vivendo na ilusão. Portanto, para encurtar, preciso lhe dizer que estamos pobres, muito pobres.

Feliciano inicialmente não modificou sua postura. Ficou ali sentado, apático e distante, mas por fim esboçou uma pequena reação.

–Ah!, disse ele, – parece que você também colocou o dinheiro naquele banco dos golpistas - eu soube da sua falência ainda há pouco, na rua.

– Sim, infelizmente foi lá que deposei o dinheiro, respondi lacônico.

– Sinto muito, meu pai, e é uma pena que esteja nessa situação - porque ainda não posso cuidar de você, mas comigo não precisa se preocupar, eu me arranjo.

Eu não sabia o que interpretar mediante tal resposta. O rapaz tinha aceito o fato com tanta serenidade – Mas seus estudos? – Indaguei finalmente.

– Vou poder continuá-los. Meus professores são compreensivos para comigo e em nosso instituto conheço vários rapazes que igualmente são pobres e não recebem qualquer auxílio de casa - portanto nisso se pode dar um jeito.

– No entanto, diga-me, meu pai, e nisso gaguejou um pouco... você que sempre foi tão inteligente em tudo, como foste depositar o dinheiro naquele banco fraudulento? Ouvi, na rua, comentários de todos que leram o jornal, nos quais afirmavam ser merecido o castigo para aqueles que haviam depositado o dinheiro no tal banco. Foram punidos por sua tolice ou pela extrema ganância.

Uma vertigem anuviou meu cérebro. O que dizia Feliciano? Chamava indiretamente seu próprio pai de tolo, um simplório e avarento? Muito bem, ele iria saber que tudo quanto aconteceu foi em seu benefício e visando seu futuro.

– Meu filho, disse em tom de censura, – você não deveria pré julgar antes de ouvir como o caso se desenvolveu. A fortuna não pertence a mim, mas sim à Aída. Depositei no banco que deu o golpe para conseguir maior rendimento em juros, para com eles poder pagar seus estudos e ainda economizar algo para o futuro..”

Feliciano não deixou-me terminar, pálido e mirando-me como a ver uma assombração, levantou-se da cadeira.

– Para mim... e a fortuna de Aída? Falou vacilando nas palavras, – não estou entendendo, explique-me isto com mais clareza.

Quase tive medo do rapaz. Ele já fizera dezesseis anos e era um homem feito.

– Certo, falei tranquilizando-o, – por que se assusta tanto assim. Aída enfim, possuía a fortuna ou melhor eu a encontrei para ela e como sou seu pai adotivo, tinha o direito à sua administração e ao usufruto.

Com o rosto transfigurado pelo ódio, Feliciano olhou-me com desdém.

– Ah é, foi assim! Disse com desprezo. – E em agradecimento ao usufruto depositou o dinheiro naquele banco que carecia de confiabilidade. Você sabia que não havia segurança, mas o que lhe importava se o capital fosse perdido? Pertencia à Aída! Para o que ela necessitaria do dinheiro? Seu exclusivo interesse foi certamente conseguir juros bastante altos por alguns anos! Todavia que era tudo um arдил e que a falência dar-se-ia tão depressa, não esperava - nem que acontecesse antes mesmo de embolsar os primeiros juros!

Eu estava pasmo. Seria o meu filho, aquele que dizia semelhantes coisas? Concordava... meu procedimento foi condenável neste lamentável episódio do dinheiro - reconhecia isto e recrimei-me frente a Feliciano, esperando que me consolasse, entretanto ele me injuriava, tratando-me como um aventureiro. Quis fazer mais uma tentativa de fazê-lo entender melhor minhas razões e insistindo ainda ponderei:

– Feliciano, não julgue tão severamente seu pai, antes que saiba tudo por inteiro e possa analisar todos os detalhes. Deixe que lhe conte como os acontecimentos se desenrolaram - toda a história da fortuna de Aída. Saberá de tudo e com certeza de-

pois não terá a mesma opinião sobre o último ponto da questão e talvez não me condene tanto assim.

Feliciano permanecia junto à mesa, na qual apoiava sua mão esquerda e dirigia o olhar transtornado pela janela afora. Primeiramente pensei que não estivesse me ouvindo, pois quando terminei, virou-se rápido e fitando-me com um olhar hostil, perguntou :

– A que último ponto se refere ?

– Bem, - respondi, - justamente ao referente aos altos juros. Pessoalmente não precisaria deles, procurava obtê-los para você, para custear seus estudos e assegurar seu futuro....

Não foi possível continuar - Feliciano interrompeu-me gesticulando como um louco.

–É isto... é isto exatamente o que me desespera, exclamou ficando sempre mais agitado - quase berrava para mim .

– Caso tivesse feito isso para você e para mamãe, talvez eu entendesse; mas que procurasse desculpar este seu tremendo egoísmo, alegando como pretexto meu estudo e meu futuro... é demais. Isto não posso suportar...

Talvez suas acerbas críticas repreensivas tivessem se delongado - entretanto ele não podia mais falar, estava exausto e ofegante mal respirava. Virou-se e foi cambaleando em direção à porta.

Fui repentinamente tomado de estranha calma. Toda a fraqueza se desvaneceu e com voz autoritária, gritei atrás do fugitivo :

– Feliciano ! Mais um momento, volte aqui.

Ele veio, um pouco hesitante, mas retornou - mesmo que só até a porta onde se encostou no umbral.

Naqueles breves momentos, com a serenidade que me sobreveio alcancei também melhor reflexão. Minha programação futura estava bem diante de meus olhos em letras garrafais. Tive a plena percepção de que poderia perder as esperanças de poder levar uma vida harmoniosa e tranqüila com meu filho. Se quisesse, ele que seguisse o seu caminho que afirmava encontraria sozinho, porém a minha permanência ali, tinha chegado ao fim. Tão logo minhas forças permitissem, deixaria o Rio de Janeiro para sempre.

Por isso falei muito sério:

– Feliciano, aceito todas as suas acusações e desisto de continuar me defendendo. Só queria ainda lhe dizer que dentro de alguns dias, isto é, logo que me sentir mais fortalecido, vou embora do Rio e talvez não tornemos a encontrar-nos. Mas se precisar de mim algum dia.... Gostaria de dizer-lhe onde e quando poderia me encontrar, mas ele fez um gesto negativo e de dispensa com a mão.

– Encontrarei o meu caminho seja como lá como for, exprimiu-se com um olhar orgulhoso.

–Quero entretanto chamar a sua atenção para o fato de que é sua obrigação salvar para Aída o que ainda pode ser recuperado.

– Para Aída? Mas ela está morta e não vai mais precisar de dinheiro algum, além do mais, pouco deverá sobrar, argumentei, estranhando a sua sugestão.

– Quanto resta pouco importa - mas deverá tentar de qualquer maneira. É preciso procurar preservar os direitos de Aída, por mínimos que sejam, mesmo que esteja morta, pois herdeiros se encontrará!

– Tem razão, herdeiros sempre existem. Mas não quero e nem posso ficar mais tempo aqui e um advogado dificilmente aceitará este caso com perspectivas tão obscuras de sucesso e sem um bom adiantamento...

Feliciano lançou-me um olhar debochado e cheio de desdém.

–Se acha tão difícil prestar um último serviço à Aída, então eu saberei como fazê-lo, disse e pensando um pouco continuou. –Certamente haverá um dentre os meus professores que aceitará a demanda - primeiro falarei com ele que lhe dará as necessárias instruções, comunicando em que cartório e a quem deverá outorgar a procuração. E agora adeus, meu pai!

Dito isto ele saiu e não tornei a chamá-lo. Se era desta forma que ele queria, a partir dali estávamos separados, pois eu não daria mais passo algum no sentido de uma reconciliação. Todavia mantinha uma tênue esperança de que ele mudasse de idéia. Feliciano estava nervoso demais, doente e magoado, por isto talvez reconsiderasse e deixasse de levar sua atitude tão a sério.

Entretanto enganei-me. Já no dia seguinte, recebi da parte do Dr. “fulano de tal” um bilhete avisando o endereço do cartório onde poderia ser passada a procuração e a esta solicitação acedi imediatamente, pois minhas forças já permitiam que me locomovesse novamente. Com isso, o último elo que me prendia ao meu filho, foi partido.

E posso mesmo dizer que não se partira naquele momento em que passei a procuração, já estava fracionado desde a tarde em que tivemos a conturbada discussão, mas eu continuava alimentando secretamente a esperança de que meu filho mudaria seus pensamentos quanto a mim.

Assim adiei, diversas vezes, minha viagem e ficava aguardando dia após dia que Feliciano me visitasse, mas ele não veio.

Depois de ter embarcado minhas poucas coisas no navio com o qual deixaria o Rio, ainda fiquei sentado num banco do cais, esperando que ele viesse, quando de súbito lembrei-me que o moço poderia estar doente e impedido de vir. Com nervosa agitação e grande angústia corri o risco de perder o embarque e de ficar sem minha bagagem, quando quis, por ainda uma derradeira vez, ver meu filho Feliciano.

Mas uma feliz oportunidade me livrou de mais uma humilhação. Justamente quando saí em direção à sua escola, os alunos do seu ginásio faziam um passeio com seus preceptores, passando perto donde eu estava. Ali também ia meu filho - quieto e sério, mas não estava doente. Poderia ter-me visitado se quisesse.

Então tive certeza que rompera-se o último elo da cadeia de afeto no meu coração.

Bem, com isto terminou a história, disse Jansen e finalizando:

Então circulei por todos os mares, exercendo os mais variados empregos. Fiz perigosas expedições por terra, mas não encontrei a morte que tanto procurava, nem livre-me de minhas terríveis lembranças. Só o “espírito”, a “*assombração da Barra Morta*”, desde então não mais o vi.

Rankow apertou compreensivo a mão de Jansen, e Schwarzzel o imitou.

– *Sua história é muito triste... e estranha, e a seguir, pensativo, Rankow perguntou-lhe :*

– Mas diga-me Jansen, não teve notícias do que aconteceu ao banco que lhe aplicou o golpe ?

– Como poderia saber ? Disse Jansen que justificando-se, comentou :

Nunca retornei ao Rio e por notícias de lá jamais me interessei. Quanto à liquidação financeira, deve ter sido sumária e a pior possível, pois como soube, ainda pouco antes de minha partida através de um conhecido, aquele banco, talvez para jogar areia nos olhos do público, pagou grandes somas a alguns depositantes. Mediante essa ação desejava provar sua capacidade de solvência, mas com isso só conseguiu esgotar suas últimas disponibilidades e, para o restante dos credores não haveria fundos que bastassem. Por isso não seria possível deter a corrida dos depositantes ao banco – sua quebra, sem dúvida, foi inexorável.

Ficaram, ainda, muito tempo, os três sentados junto à fogueira, cada qual ocupado com suas reflexões até que, tarde da noite, Rankow e Schwarzzel procuraram seus leitos. Mas Jansen permaneceu junto ao fogo e quando amanheceu, tendo Anton Goerz se levantado para fazer os preparativos do café, pôde sentar tranqüilo ao lado do colega que já havia providenciado tudo.

Fim do Conto

NOTAS DE FIM:

11- ASSENTAVA ONDE HAVIA LUGAR : No período de vigência da lei nº 11 os colonos se “*Assentavam onde havia lugar, qualificando-se como verdadeiros posseiros*”. A referida Lei N.º 11 de 5 de maio de 1835 foi patrocinada por Agostinho Alves Ramos e encontra-se parcialmente contida com suas referências comentadas na revista “Blumenau em Cadernos”, tomo I n.º 08 p. 142.

12- HOJE CORADO, AMANHÃ VELADO: expressão idiomática alemã traduzida literalmente, no sentido de “hoje vivo, amanhã morto”. No original em língua alemã o autor registra “Heute rot - morgen Tot”.

13- FEBRE AMARELA: A grande epidemia de febre amarela eclodiu, em 1869, no Rio de Janeiro. O médico sanitarista dr. Oswaldo Cruz, nasceu em janeiro de 1858 e faleceu em 1917; tinha portanto, então, somente onze anos de idade. A transmissão epidêmica ocorre de homem a homem, através do mosquito *Anopheles Gambiae*, atualmente tido como erradicado, entretanto atualmente o vetor é principalmente o *Anopheles Egypti*.

Texto:

*WALDIR J.
WANDALL **



Hermann Blumenau adquire um tear de malhas

Em 1867, quando o Dr. Blumenau participava da Exposição Universal de Paris, adquiriu um tear para produzir artigos de malha, utilizando a flor de algodão como matéria-prima.

Desconhecendo a aquisição feita pelo fundador da cidade, uma sociedade formada por Johann Heinrich Grewsmuehl, August Sandner e Johann Gauche, implanta uma tecelagem no atual bairro do Garcia (mais tarde passou a se chamar Empresa Industrial Garcia e hoje se encontra incorporada à Artex S.A.)

Em 1873, com o retorno do Dr. Hermann Blumenau para o Vale do Itajaí, aquele tear foi posto em funcionamento. Contudo, a utilização do tear tornou-se difícil pela dificuldade de se conseguir a matéria-prima, principalmente para dois empreendimentos iguais e aqui situados.

Todavia, em 1880 os irmãos Hermann Friedrich e Bruno Hering, conhecedores e descendentes de exímios manufatureiros têxteis, fundam a Trikotwaren Fabrik Gebrüder Hering, hoje um tradicional parque fabril Blumenauense, denominado Hering Têxtil S.A.

Dois anos depois, 1882, uma nova indústria têxtil se instala em Blumenau, resultante da sociedade formada por Heinrich Hadlich, Gustav Roeder (técnico em indústria têxtil) e Johann Karsten, sob a denominação de Roeder, Karsten & Hadlich, atualmente constituindo-se na importante Companhia Têxtil Karsten.

Esse foi o início da implantação da indústria têxtil em Blumenau, cujo desenvolvimento e modernização foi crescente a partir da entrada em funcionamento da hidrelétrica do Salto, em 1915.

Blumenau nasceu para ser industrial

O Vale do Itajaí possui um razoável número de cidades com existência semelhante a de Blumenau, pois, fizeram parte do vasto e antigo município blumenauense. Todavia, sem qualquer bairrismo, nossa cidade é uma das mais evoluídas industrialmente da região banhada pelo rio Itajaí-açu. Seria esse fato a resultante de alguma anomalia acontecida durante o processo colonizador?

Se nos fixarmos em documentos deixados pelos fundadores de Blumenau, podemos considerar em um deles a resposta concreta à pergunta feita anteriormente. Em seu requerimento-solicitação, datado de 26 de julho de 1848 e encaminhado às autoridades imperiais brasileiras, mencionava o Dr. Hermann Blumenau:

...Não obstante, porém, de o abaixo assinado haver já estabelecido na Província de Santa Catarina, em companhia de um agricultor alemão, prática e cientificamente instruído, comprando terras particulares e pedindo outras do Governo Provincial (em virtude das Leis Provinciais existentes) para este estabelecimento agrícola e industrial, principiou com o engenho de serras e pretende usar mais a fabricação de refinação de açúcar, de óleos vegetais durosos, aguardente, espírito de vinagre e vinho empregando aparelhos aperfeiçoados e apoiando-se nos últimos projetos das ciências e indústrias relativas...

As cheias constantes no Vale do Itajaí

Segundo as palavras do saudoso professor e metereologista Seixas Netto: ...Estando o Vale do Itajaí encostado nas Serras do Mar e Geral, a Oeste e no Oceano Atlântico, a Leste, apresenta um clima diferente das demais regiões catarinenses.

Em vista disso ocorre incursão de massas de ar marinho de Leste-Oeste até esbarrarem nas Serras do Mar e Geral, adensando-se sobre o Vale e produzindo as chuvas tropicais...

Ainda fundamentados nas informações de Seixas Netto: ... A região é recortada por uma formidável rede hídrica produzindo uma quantidade apreciável de “vapor d’ água ascensional”, devido a alta temperatura do Verão. ...

Isso nos leva a concluir que, tendo em vista o relevo, a hidrografia e o clima, o Vale do Itajaí se constitui numa típica Várzea de Inundação.

Então, o grande adensamento de massas frias antárticas, pairando sobre o Vale, a uma altitude média de trezentos metros, encontrando-se com os vapores d'água ascensionais, criam uma Baixa Atmosfera, ocasionando precipitações pluviométricas violentas (trovoadas e trombas d'água) ou chuvas finas e intermitentes.



Enchente de 1948.

Tais fenômenos pluviométricos engrossam os canais irrigadores do rio Itajaí-açu, incapaz de despejar no Oceano Atlântico imediatamente tal volume de água, fazendo com que os manadouros transbordem, inundando as partes baixas do Vale.

E isso pode causar, ainda, maiores problemas em virtude das marés oceânicas, as quais poderão causar um deságüe mais lento do Itajaí-Açu, possibilitando enchentes com níveis mais elevados.

Verbetes para a História Catarinense

Equações do Vale

Texto:

*THEOBALDO
COSTA
JAMUNDÁ **

O assunto que agora abordamos tem o fito de apontar superficialmente o panorama da teia de necessidades fundamentais do Vale. Realmente olhamos de cima a paisagem imensa, porém na imparcialidade construtiva. Criticando ou somente comentando temos a sombra da sinceridade ao nosso lado. E para não mais divagarmos passemos à questão que, falará por si própria: – entre os vários aspectos do problema econômico do Vale. Problema sujeito às transmudações bruscas. Transmudações que podem vir amanhã nas asas atuais das surpresas. Finalmente em resumo o ignorado dos dias iniciais do após-guerra. Entretanto, com algo já esboçado no horizonte denunciando que o que não estiver sólido, por certo cairá. E nesse terreno se encontra tudo quanto é grande somente pelas necessidades bélicas. Como sabemos, aqui se cria o caso de um problema econômico a resolver. Tendo em mente que as fontes asseguradoras do alto conceito econômico do Vale, foram os pequenos produtores. Hoje amarrados pelas onerações dos tributos, pelo encarecimento dos produtos das suas primeiras necessidades e também pelo esquecimento que lhe votaram. E quando não, por verem os braços mais jovens na ambição vaidosa de um viver melhor, fugindo para o alarido depauperativo das máquinas.

Donde logo concluímos que, o lavrador transformado em operário da noite para o dia, não seguiu trajetória normal. Sentiu alguma pressão. E donde sentiu e como sentiu, é muito complexo explicar. Vê-se porém, claramente que, a base



* Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Cadeira nº 5 da Academia Catarinense de Letras e benemérito da Fundação Cultural de Blumenau.

econômica do Vale do Itajaí, foi seriamente levada ao abismo de um desequilíbrio já manifestado na vida rural.

Na escala dos tons em que solfejamos, dois vibram mais. São eles: – o mover lento e rudimentar da enxada, e o girar vertiginoso do dínamo. Ecoam desafinados. Como desafinados são. Formando o mais ameaçador dos paradoxos, na paisagem, onde a harmonia do trabalho constituiu o que vemos das morenas areias de Cabeçadas aos fios d'água que formam os tributários significativos da bacia Itajaí. Até o homem em choque são notas desafinadas. O lavrador ainda era do primitivismo da colonização, e o industrial no nervosismo do minuto elétrico da atualidade. Um não pode compreender o outro dentro do ajuste das necessidades sócio-humanas. A ambição, no caso, bem natural, não permite o trânsito da troca racional. Geralmente, não. A exceção existe. Logicamente...porém qual a sua porcentagem?...

Portanto, se o movimento industrial alastrar-se até o ponto da absorção “in totum”, da vida rural. Tendo-se como vitoriosa a era da indústria. O Valor terá que importar os gêneros de primeira necessidade. Ninguém desconhece, conhecendo o Vale que a razão do seu bom conceito está muitas vezes em suas terras cultivadas. Com os campos entregues ao abandono, os pastos desertos, e as atafonas paralisadas. O Vale do Itajaí-Açu, não será este de hoje como apelidamos: - Vale da fartura.

Mas se a agricultura não oferece as mesmas perspectivas que a indústria? É o problema. Porque as bases estão na agricultura. Então é preciso erguê-la ao nível do parque industrial seu vizinho: é o problema.

Se argumentarmos sobre a paralisação dos afazeres da lavoura. Buscamos bases no desenvolvimento industrial. Desenvolvimento que solapa o potencial humano indicado no tempo para prosseguir evolutivamente a expansão agrícola.

Paralisação parcial, realmente. Entretanto não é normal a vida rural, onde lavradores compram raízes para a criação própria, em vez de plantá-las por andarem unicamente com o tempo para a verticalidade industrial. Porém não à industrialização dos produtos da lavoura. Aí está o sinal vermelho na vida econômica do vale. O lavrador que virou industrial ou industriário não seguiu o caminho de uma evolução natural, porém, deu um salto. Agarrou-se na asa da oportunidade sem um endereço certo, arrisca-se. Somos da hipótese que ele voa por regiões desconhecidas e cairá redondamente quando os ventos dos tempos anormais passarem.

Repetimos que a pequena propriedade foi a base econômica que deu nome às terras do Itajaí. Entretanto no panorama econômico do dia de hoje nota-se a presença de padrões como ontem não existiam. São os traços que esboçam o capitalismo latifundiário. Ainda incipiente, porém já enraizado e infeccionando a engrenagem econômica que Hermann Blumenau montou. Para a fórmula do colonizador o trabalho vinha em primeiro lugar. E realmente não foi o capital quem construiu o que há na paisagem justafluvial itajaiense, porém foi o trabalho. E agora quando devia-se sair das margens do rio-grande. Entrar pelos serrotes, lavrar das terras planas das cabeceiras dos ribeirões para garantir a existência da família rural abandonam-se as mencionadas terras reservas, como são mencionadas nos cálculos primitivos do início do povoamento. Acéfala a massa rural, sem líderes entrega-se indefesa aos do seu próprio meio que ensaiam o latifundiarismo. Algo bastante complexo rege a desorganização, inevitavelmente o sistema se altera mais rapidamente com o choque das influências alienígenas, e a vida rural completamente desvirtuada atira a sua população no clarão anêmico das “luzes da cidade”. E quando não, deixa que fique ela aprisionada por todas as dificuldades comuns aos dias presentes, sujeitas às promessas de quem manda ou de quem tem mais dinheiro – O colono no último aspecto encontramos-lo de pé, encostado no cabo liso da enxada, desanimado acendendo hoje o cigarro de palha mesmo como ontem faziam os seus primeiros. O tempo voa e ele fica no bucolismo rotineiro da falta de reflexão e de orientação técnica administrativa.

Fonte: Revista “O Vale do Itajaí”, no 2, ano I, 28 de março de 1945.

*

NOSSA HISTÓRIA

- **Nossa História**
- **Os Pratos da
Balança**
- **Livrarias,
livrarias...**
- **Livros Novos**

Texto:

**ENÉAS
ATHANÁZIO ***

Nossa História, na forma ministrada nas escolas, sempre foi monótona. Relato frio de fatos, em geral baseado em documentos oficiais, falta-lhe aquela vibração que costuma cercar os acontecimentos reais e assim reduzindo o interesse dos leitores e ouvintes. Romper com essa tradição tem sido o ponto alto da obra do historiador Sílvio Coelho dos Santos, também antropólogo de renome, cujo livro "*Nova História de Santa Catarina*" foi lançado em 1998, em sua quarta edição (Editora Terceiro Milênio -- Florianópolis).

Com efeito, esse livro é um relato vivo e movimentado de nossa História, desde os albores até os dias de hoje. Nele o leitor sente as reações dos personagens históricos em suas ações, choques e entrechoques, vitórias e fracassos. É, enfim, uma História construída com gente e não apenas com papéis, ainda que oficiais, mas sem perder jamais a seriedade de obra científica. Isso prova que para ser séria uma obra não necessita ser aborrecida, observação válida também para outros campos do saber, inclusive o Direito, como eu mesmo notei em minhas leituras.

O livro começa dando uma panorâmica do Estado, com sua localização, fronteiras, área, formação, população, riquezas, etc., situando com perfeição o objeto do estudo. Parte, em seqüência, para a crônica de seu desbravamento e ocupação, com as disputas entre Portugal e Espanha pelo domínio da região e as conseqüências desses choques de interesses. Os primeiros navegadores, os índios que habitavam o território, as primeiras povoações do litoral, a fundação da Lages pelos

* Escritor e Advogado.

paulistas, a presença dos açorianos, a formação do povo, as correntes imigratórias para nosso Estado, as revoluções, a questão de limites com o Paraná, a chegada da modernidade, os “anos de chumbo” e um retrato geral da gente de muitas etnias que formam o povo catarinense de hoje. Tudo exposto de forma clara, segura e documentada, agradável à leitura, fornecendo uma visão completa das veredas trilhadas por nosso Estado para chegar ao que é.

Alguns dos temas abordados merecem uma referência especial pela curiosidade que costumam despertar. O primeiro deles é a figura de Anita Garibaldi e sua atuação durante a Revolução Farroupilha e a República Juliana, lutando depois pela unificação da Itália, ao lado de Garibaldi. Anita é a maior heroína catarinense, por quem nosso povo tem sincera veneração.

Outro tema a ser lembrado, objeto de permanentes estudos, é o povo indígena, vítima de impiedoso genocídio, e a presença dos terríveis “bugreiros” especializados em sua dizimação.

Não poderia faltar também a “Guerra Santa do Contestado”, desenrolando-se em grande parte do Planalto, entre 1912 e 1916, com a presença dos “monges” santificados pela boca do povo até os dias de hoje.

Ao longo do tempo, entre avanços e recuos, vai se formando o povo catarinense, enfrentando os problemas e reclamando soluções. “Por essa via, que é enfim, na prática, o desejo de exercício da cidadania plena, o povo continua a escrever a sua (nova) história” -- conclui o Autor, fechando seu belo trabalho.

OS PRATOS DA BALANÇA

Não sei se existirá meio tão injusto como o literário. Poderia dar muitos exemplos, mas ficarei apenas no mais recente. Em seu suplemento “Mais!”, de 30 de maio último, dedicado a Franz Kafka, o jornal “Folha de S. Paulo” convidou diversos escritores brasileiros para escreverem, com suas palavras, o início da novela “Metamorfose”, de autoria do escritor tcheco. Outros escritores foram referidos mas, por incrível que seja, não se mencionou o nome de Danilo Nunes, um dos maiores conhecedores de Kafka e autor do maior e mais completo ensaio sobre ele já publicado no Brasil: “Franz Kafka -- Vida Heróica de um Anti-Herói” (Edições Bloch -- 1974). É dessas coisas que não têm explicação. Parece que no reino das letras a balança não funciona.

LIVRARIAS, LIVRARIAS...

Visitando uma grande livraria em Belo Horizonte, imaginei encontrar lá uma estante mineira que me permitisse ver o que andam publicando os escritores das Alterosas. Vã ilusão! Lá só estavam os tais “mais vendidos”, os de auto-ajuda e os “best-sellers” que já vêm carimbados de fora. Nada que mostrasse a cultura local, nenhum compromisso com a cidade e o Estado. E o pior é que a mesma coisa acontece em toda parte, seja em Brasília, Curitiba ou Blumenau. As livrarias estão padronizadas, monótonas, repetitivas, mais parecendo supermercados. Visitar uma é visitá-las todas. Por sorte, porém, existe um intercâmbio cada vez maior que se desenvolve ao longe e à margem desses estabelecimentos, com o qual eles nem sonham e que acabará por esvaziá-los por completo caso não mudem de política. Creio que é graças a esse troca-troca informal que a cultura se mantém. Como também sei que livraria de real sucesso seria aquela que tivesse em suas estantes exatamente o que as outras não têm.

LIVROS NOVOS

Lucila Rupp de Magalhães, catarinense radicada na Bahia, lançou em Salvador seu livro “Aprendendo a Lidar com Gente”, publicado em co-edição da Editora Casa da Qualidade e da Editora da UFBA. Trata-se de um alentado ensaio sobre as relações interpessoais no cotidiano, assunto em que a autora é “expert” e sobre o qual ministra palestras e cursos em várias cidades. * Francisco José Pereira está publicando “O Pardieiro”, coletânea de contos em que sobleva a preocupação com os marginalizados de uma sociedade cada vez mais injusta. É uma edição da Garapuvu Editora, de Florianópolis. * Depois de um trabalho minucioso e paciente, Abel Beatriz Pereira está publicando o “Endereçário Cultural”, reunindo incontáveis endereços de escritores de todo o País e facilitando o contato entre eles. xxx Alunos de escolas do interior dos Estados de Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul estão bombardeando nossos escritores com pedidos de livros e informações. Tenho atendido, na medida do possível, e acredito que o mesmo fazem os demais colegas. Não decepcionemos esses futuros leitores!

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=11 números)
-) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=11 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
-) Exemplares avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)



Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de **2000** (Tomo 41). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:



Forma de pagamento:

Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

Cheque

Banco:

Número:

Valor: R\$

Dados do assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Caixa Postal: _____

CEP: _____ - _____ Fone p/ contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____



.....

Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

Aiga Barreto Mueller Hering

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Genésio Deschamps

Mark Deeke

Victória Sievert

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Cia Hering

Herwig Schimizu Arquitetos Associados

Madeiraira Odebrecht

Transformadores Mega Ltda.

Unimed Blumenau



TOMO XL
Setembro de 1999 - Nº 09

